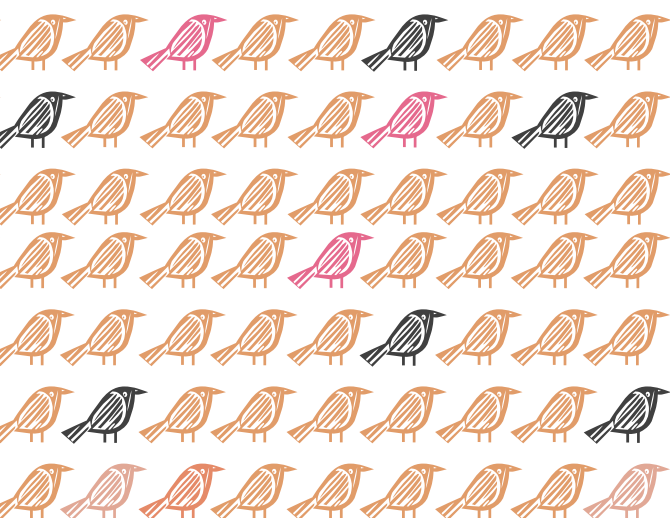




SALA 8
**PESQUISA MUSEOLÓGICA,
POLÍTICAS CULTURAIS E
MUSEOLOGIA CRÍTICA**

Mediador
Renato Fonseca de Arruda (UNEMAT)

Bolsista
Thaiana Barros dos Santos

Avaliador dos trabalhos indicados à premiação
Rodrigo Luiz dos Santos (PUC-Campinas)

1º Apresentação – SIMAP, museus e entes museais, algumas reflexões

Autores: Claudia Rodrigues Carvalho, Christine Ruta, Patricia Regina Garcia

Vinculado ao Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, o SIMAP se apresenta como um sistema de articulação cuja missão é promover diversidade e dar visibilidade às iniciativas museais dentro da universidade. A adesão é optativa, o que reforça seu caráter colaborativo. Hoje, a rede reúne 8 museus, 2 museus/exposições virtuais e 12 entes museais — categoria criada para abarcar equipamentos culturais que, pela legislação brasileira, não se enquadram formalmente como museus, mas executam funções correlatas. Entre os desdobramentos recentes, destacam-se: o levantamento Ibram/MEC (2020), o relatório da ANDIFES sobre museus federais e a criação de uma comissão técnica permanente e multidisciplinar. As próximas frentes incluem (re)cadastramento das iniciativas, um diagnóstico amplo e a proposta de normatização do campo museal no âmbito da UFRJ, buscando bases comuns para governança, salvaguarda e mediação.

2º Apresentação – Museus universitários em perspectiva comparada: Os casos do Museu de Cultura Popular da UNA (Costa Rica) e do Museu do Vale do Arinos da UNEMAT (Brasil)

Autores: Luis Pablo Orozco Varela, Renato Fonseca de Arruda, Saulo Augusto de Moraes, Márcio Ferreira Rangel, Jairo Luis Fleck Falcão

Originado de uma parceria no I Simpósio Bienal de Museus e Gestão Sociocultural, o estudo compara dois modelos latino-americanos. O Museu de Cultura Popular (MuCP), fundado em 1994 em Heredia (Costa Rica), centra-se na salvaguarda dos saberes populares com foco em alimentação tradicional, arquitetura vernacular e festas/celebrações. Já o Museu do Vale do Arinos (MuVa), inaugurado em 2018, configura um museu universitário de gestão compartilhada, unindo universidade, prefeitura e sociedade civil. O MuVa opera projetos de pesquisa, laboratório de ensino, extensão, formação profissional e mediação. Em comum, ambos enfrentam disputas de memória e restrições orçamentárias; como horizonte, emergem possibilidades de cooperação e aprendizados cruzados sobre governança e sustentabilidade.

3º Apresentação - O Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos nas correspondências entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz (1902-1909)

Autores: Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias De Oliveira, Márcio Ferreira Rangel, Maria Karla Belo da Silva Tavares

A pesquisa analisa a formação do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos a partir de 324 documentos que compõem o dossiê de correspondências entre Rocha

Lima e Oswaldo Cruz. O corpus revela como o museu se consolidou não apenas como espaço de preservação de espécimes, mas também como ambiente de produção de conhecimento, onde coleta, estudo e circulação de materiais ancoram práticas científicas e institucionais do período. O recorte ilumina redes de colaboração, prioridades de pesquisa e escolhas curatoriais que moldaram o acervo e sua função acadêmica.

4º Apresentação - Museu dos Dinossauros e seu entorno: tensões e negociações em partilha de espaços.

Autores: Maria Betania Moreira Carvalho Silva, Pedro Donizete Colombo Junior

Derivado de uma pesquisa de mestrado, o trabalho observa o Museu dos Dinossauros (MD), ligado à UFTM e criado em 1991 sob gestão da Prefeitura de Uberaba. A comunidade local foi decisiva para a implantação, ao reivindicar que o acervo fóssil permanecesse no município. O estudo mostra como o entorno urbano e social participa dos processos museais, compartilhando território, sociabilidade e decisões. Ao valorizar memórias comunitárias e participação social, o MD se apresenta como museu mais humanizado, sensível a disputas, negociações e pactos cotidianos.

5º Apresentação - Tiradentes Passado Presente: uma expografia para um Museu em movimento

Autores: Fabricio José Fernandino, Patricia FrancaHuchet, Dina Marques Pereira Araújo, Fernando Antonio Mencarelli, Lorena Mello Martins

A equipe propõe uma nova abordagem expográfica para o Museu Casa Padre Toledo, articulando o passado ao presente por meio de um recorte multitemporal. Com pesquisa bibliográfica e documental, o grupo revisita a história da casa, do padre, da cidade, da Inconfidência Mineira e do próprio Tiradentes, buscando identidade conceitual, vocação e proximidade com o público. Sob gestão da UFMG, a casa passa por restauro e investe em articulação com moradores, convidando a comunidade de Tiradentes a integrar os movimentos culturais do museu.

6º Apresentação - Quando o museu universitário encontra a museologia social? A experiência da criação do Museu Indígena Pyulaga Wauja

Autores: Renato Fonseca de Arruda, Saulo Augusto de Moraes, Kamarariwé Raôry Waurá, Yanahin Matala Waurá, Umejítawana Tuhu Waurá

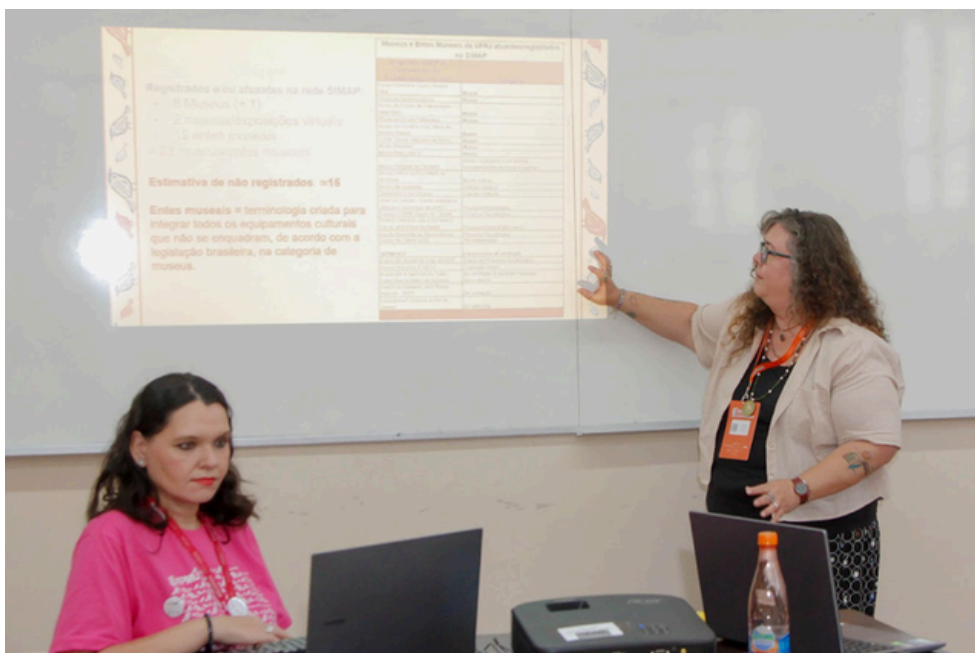
Relato de experiência que nasce do Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro e do GT Patrimônio Indígena, com a participação de lideranças de

sete povos (Kayaby, Munduruku, Apiacás, Waurá, Mehinako, Xavante, Kamayurá), somado a uma pesquisa de doutorado (UNIRIO/MAST). Diante de ameaças recorrentes — do vandalismo à violência —, as ações articulam sustentabilidade, turismo, autorrepresentação e narrativas plurais. O processo resultou na fundação do Museu Indígena Pyulaga Wauja, concebido como museu de território. A universidade atua como mediadora, e não como curadora de saberes, fortalecendo autonomia patrimonial e pluralidade de vozes — encontro concreto entre museu universitário e museologia social.

7º Apresentação – Acervo e decolonialidade: Sidney Amaral no MAC USP

Autora: Vitória Passos Viana

Iniciada em 2025, a pesquisa parte do MAC USP — criado em 1963 para receber o acervo do MAM/SP e hoje com mais de 7.500 obras — e se debruça sobre Sidney Amaral (1973–2017), artista e educador. O museu abriga quatro obras do autor (três expostas: duas litografias e um objeto). O trabalho levanta documentação e processos de aquisição, examinando o papel das últimas gestões na incorporação de obras de artistas negros e nas discussões públicas sobre a própria coleção. Sob a chave decolonial, a questão central é: como as práticas curatoriais e expositivas reforçam ou tensionam hierarquias coloniais? Ao indagar critérios, narrativas e representações, o estudo alimenta debates sobre políticas de acervo, visibilidade e reparação simbólica.



Apresentações de comunicação oral, na sala 8 pela tarde, sobre Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica - Fotografia: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 8 pela tarde, sobre Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica - Fotógrafo: Flávio Almeida

SIMAP, museus e entes museais, algumas reflexões

Claudia Rodrigues-Carvalho (SIMAP/FCC/UFRJ) - claudia.simap@forum.ufrj.br

Patricia Regina Garcia (SIMAP/FCC/UFRJ) - patricia Regina.simap@forum.ufrj.br

Christine Ruta (FCC/UFRJ) - christineruta@gmail.com

INTRODUÇÃO

O SIMAP - Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ, completa em 2025 sete anos de existência oficial e 12 anos de atuação, se considerarmos a criação do Grupo de Trabalho para criação do sistema, iniciado em 2013 (Lima; Carvalho & Garcia, 2022). A transformação do GT em órgão suplementar da UFRJ, em junho de 2018, foi, como todo o campo museológico, duramente impactada pelo sinistro do Museu Nacional meses depois. Uma nova realidade se impôs em decorrência do incêndio, redirecionando os planos e propostas e levando a discussões sobre a categoria “museu” na universidade, sob o aspecto prático, formal, legal, etc. O presente trabalho procura fazer um relato de experiência sobre essas discussões, com foco nos impactos e desafios para a proposição de uma política para o campo museológico da UFRJ. Esta discussão reveste-se de complexidade quando consideramos, para além dos museus claramente estabelecidos, as diferentes iniciativas e espaços que se caracterizam como processos museológicos e coleções visitáveis, plenamente atuantes na sociedade e ainda um conjunto significativo de acervos musealizáveis ou em processo de musealização que junto, a outras iniciativas também mapeadas pelo SIMAP expandem a diversidade de atores institucionais e adicionam novas camadas às discussões sobre reconhecimento, categorização, políticas de salvaguarda, de divulgação e outras ações.

MATERIAIS E MÉTODOS

Por ser um relato de experiência, a metodologia baseia-se em descrever as memórias e percepções dos autores, sempre que possível acompanhadas por testemunhos e documentos de diferentes naturezas, que permitam apresentar as principais reflexões sobre o assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os desdobramentos externos do sinistro do Museu Nacional, o Acórdão 1.243/2019-TCU-Plenário (Rodrigues-Carvalho, Julião, Cunha, 2023) e o consequente Plano de Ação dos Museus Federais (PAMF), que integra do Relatório Final do Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais, instituído pelo Decreto nº 10.175, de 13 de dezembro de 2019 (BRASIL, 2019), representam os maiores impactos na construção de políticas para o campo museológico na UFRJ, considerando especialmente a diversidade e pluralidade de iniciativas para além dos museus estabelecidos. O trabalho em rede, com instâncias tão diferentes na universidade, implica na construção permanente de um equilíbrio entre instâncias sedimentadas e aquelas em desenvolvimento, entre museus, coleções e outras iniciativas. Para melhor organizar o campo dentro da universidade, passamos a empregar o termo “ente museal” para definir todas as iniciativas e espaços que não se enquadram na definição legal de museu, uma tentativa de evitar que as demandas do PAMF viessem a obliterar as demandas e necessidades dos demais espaços, legalmente não caracterizados como museu em função de tecnicidades da legislação. Embora “não ser museu” possa implicar em um aparente menor custo e uma aparente menor complexidade, sem políticas abrangentes, que garantam espaços claros para esses entes dentro da dinâmica universitária, estas iniciativas correm o risco de serem esquecidas administrativa e organicamente pela universidade. Temos utilizado regularmente o termo “museus e entes museais da UFRJ” em nossas ações e discursos, com o intuito de reforçar uma unidade entre esses dois segmentos. Todavia, ainda precisamos avançar na construção de categorias de identidade e reconhecimentos internos para que seja possível construir elementos norteadores para enquadramento, registro e mesmo criação de novos espaços. No que diz respeito aos museus *stricto sensu*, o SIMAP recomenda o registro a nível de Centro Acadêmico, embora almeje que museus e entes museais tenham sua criação e reconhecimento registrados no âmbito do Conselho Universitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as discussões fundamentais para a construção de uma política para o campo museal da UFRJ, está o entendimento da heterogeneidade de museus e entes museais. Esse entendimento busca ordenar e operacionalizar um dos pontos comum a todos, a necessidade de reconhecimento. Não apenas o reconhecimento legal, ou a inserção no organograma, mas o reconhecimento do impacto acadêmico, social; reconhecimento do equipamento cultural como elemento estratégico de interlocução e interação com a sociedade, reconhecimento dos museus e entes

museais como parte dos indicadores de qualidade, excelência acadêmica e bem-estar. Esperamos que a política em desenvolvimento, além de abrangente, responsável, normativa, possa também contemplar a pluralidade de dimensões do campo museal, e sua importância para a qualidade de vida acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE

Museus universitários. Entes museais. Política museal.

REFERÊNCIAS

BRASIL, 2019. Decreto nº 10.175, de 13 de dezembro de 2019. Institui o Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais. Disponível em [https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?](https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=10175&ano=2019&ato=abdkXV65UMZpWT92d)

[tipo=DEC&numero=10175&ano=2019&ato=abdkXV65UMZpWT92d](https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=10175&ano=2019&ato=abdkXV65UMZpWT92d). Acesso em 25 de maio de 2025.

LIMA, Deborah Rebello; CARVALHO, Claudia Rodrigues; GARCIA, Patricia Regina Santos. A criação do Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ (Simap): desdobramentos de uma política cultural universitária. Revista CPC, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 33, p. 45-63, 2022. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v17i33p45-63. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpc/article/view/173042>. Acesso em: 25 maio. 2025.

RODRIGUES-CARVALHO, Claudia.; JULIÃO, Leticia & CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. MUSEUS UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL: DIAGNÓSTICO E PROPOSIÇÕES. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, [S. l.], v. 10, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/42505>. Acesso em: 25 maio. 2025.

Museus Universitários em Perspectiva Comparada: Os Casos do Museu de Cultura Popular da Una (Costa Rica) E do Museu do Vale do Arinos da UNEMAT (Brasil)

Luis Pablo Orozco Varela (Universidad Nacional da Costa Rica - UNA) - luis.orozco.varela@una.cr
Renato Fonseca de Arruda (PPGGeo UNEMAT) - renato.fonseca@unemat.br
Saulo Augusto de Moraes (MuVA UNEMAT) - saulo.augusto.moraes@unemat.br
Márcio Ferreira Rangel (PPG-PMUS UNIRIO/ MAST) - marciorangel@mast.br
Jairo Luís Fleck Falcão (PPGEdu UNEMAT) - jairofalcao@unemat.br

INTRODUÇÃO

A partir de uma leitura comparativa entre dois contextos, dois países e dois cenários da museologia universitária — Brasil e Costa Rica — este estudo propõe inicialmente uma abordagem das particularidades envolvidas no estudo do patrimônio cultural museológico em diferentes casos: a pesquisa, as propostas educativas, o vínculo entre museus e comunidades, bem como as aproximações realizadas pelos espaços museais às agendas públicas e aos movimentos sociais.

Durante o I Simpósio Bienal de Museus e Gestão Sociocultural, iniciou-se um diálogo recente para debater, de forma geral, a educação museal no Brasil e na Costa Rica, a partir de uma perspectiva sintética e da experiência das redes de educadores museais de ambos os países. No entanto, nesta nova oportunidade, após realizar um balanço geral dos museus universitários na Costa Rica em diálogo com o Brasil, aprofunda-se a análise de dois casos que dialogam entre si: o Museu do Vale do Arinos (MuVA), vinculado a Universidade do Estado de Mato Grosso e ao município de Juara (UNEMAT/Juara, Brasil) e o Museu de Cultura Popular (MuCP) da Escola de História da Universidad Nacional da Costa Rica.

Dessa forma, surge uma questão de pesquisa: como, a partir de duas realidades museais complexas e particulares, é possível projetar uma iniciativa de pesquisa que una as contribuições de ambos os museus? Assim, estabelece-se um diálogo mais profundo entre duas experiências museológicas, permitindo comparar aspectos como o estudo do patrimônio biocultural, a abordagem da história, a relação dos museus com suas comunidades, as experiências de educação patrimonial, os modelos de gestão e o vínculo com suas respectivas universidades nas atividades de pesquisa, extensão, entre outras. Por fim, exploram-se as possibilidades de criar pontos de encontro entre os dois museus, analisando detalhadamente as

semelhanças, diferenças e oportunidades para propor projetos conjuntos de pesquisa. A museologia universitária latino-americana emerge como campo estratégico para a democratização do patrimônio cultural, combinando docência, investigação e extensão. Ao cotejar experiências brasileiras e costarriquenhas, busca-se iluminar especificidades de contextos nacionais distintos e, simultaneamente, desafios e oportunidades comuns.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia concentrou-se em pesquisas documental e bibliográfica, sob um processo de análise documental e busca sobre referências bibliográficas que abordaram iniciativas recentes dos dois museus em questão. Realizou-se pesquisa documental em leis, relatórios museológicos e publicações científicas, além de reuniões virtuais entre as equipes técnicas dos dois museus. A etapa de análise seguiu matriz comparativa elaborada em planilha, cruzando indicadores de aspectos das culturas institucionais e evidências presentes nos territórios e exposições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Costa Rica, a rede de museus universitários configura-se como um microcosmo da diversidade sociocultural e biogeográfica do país, tendo: o Museo de la Universidad de Costa Rica (UCR); o Museo de Insectos da UCR, mantido pela Escola de Ciências Biológicas; o Museo Regional de San Ramón, também vinculado à UCR; e o Museo de Cultura Popular (MuCP) da Universidad Nacional (UNA), criado em fevereiro de 1994, sediado em Heredia, dedica-se à salvaguarda dos saberes populares sobre alimentação, arquitetura vernacular e festas tradicionais, oferecendo laboratórios vivos para estudos de etnologia e turismo cultural. Todos nasceram de agendas acadêmicas que priorizam a elaboração de roteiros científicos para exposições, o que garante densidade teórica às mostras e favorece a produção de artigos em parceria com programas de pós-graduação. Contudo, a literatura cinzenta interna admite um déficit de articulação inter-museus, limitando a realização de pesquisas e exposições conjuntas – lacuna que hoje inibe o impacto nacional dessas instituições.

No Brasil, até 2021 existiam 444 museus universitários, distribuídos como 21 na região Norte, 35 na Centro-Oeste, 90 na Nordeste, 182 na Sudeste e 114 na Sul. O MuVA é um dos quatro museus da Unemat, localizado na praça do Colonizador na cidade de Juara, Mato Grosso, Brasil (Museu Casa Borges, Museu de História Natural de Alta Floresta, Museu de Humanidades “Alaíde Montecchi”) e ilustra um modelo de museu universitário formulado a partir integração entre universidade, terceiro setor

e gestão municipal, por meio gestão compartilhada (Prefeitura, Unemat e Instituto Ecumam), supervisionado por um conselho curador composto por onze membros, destes, quatro assentos de representantes dos povos Kayabi, Munduruku, Apiaká e Rikbaktsá. Desde a inauguração, em 8 dez. 2018, o museu estruturou um acervo de 219 itens distribuídos em arqueologia, história local, ciências naturais, arte, etnologia e geologia, resultante principalmente de projetos de pesquisa e extensão universitária. A participação indígena na curadoria e gestão conferiu ao MuVA um forte caráter decolonial, mas também desencadeou tensões com grupos defensores de uma narrativa “saudosista” do colonizador, expondo disputas por sentidos patrimoniais (Arruda, 2022).

A comparação evidenciou convergências importantes. Primeiro, ambas as experiências se consolidam como laboratórios de formação profissional: na Costa Rica, graças à centralidade da pesquisa acadêmica; no Brasil, pela imbricação de projetos universitários de ensino, pesquisa e extensão articulados as demandas comunitárias. Por fim, os dois contextos compartilham restrições orçamentárias e dependência de editais externos para manutenção de exposições e salvaguarda de acervos. Divergem, todavia, nos modelos de governança: enquanto os museus costarriquenhos mantêm estrutura predominantemente intramuros à universidade, o MuVA aposta numa coprodução Estado–universidade–sociedade civil que amplia o raio de participação social, ampliando e compartilhando as responsabilidades, bem como os processos de tomada de decisão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura comparada demonstra que tanto o Museo de Cultura Popular da Universidad Nacional (UNA) quanto o MUVA enfrentam desafios paralelos de financiamento e infraestrutura, mas dispõem de ativos complementares que podem se potencializar mutuamente. A constituição de um eixo de cooperação UNEMAT-UNA, desdobrado em convênio específico entre MUVA e MuCP, por meio de suas pós-graduações (Geografia e Desenvolvimento Rural Sustentável) despontam como uma possível estratégia para transformar fragilidades isoladas em fortalezas coletivas: ampliam-se o intercâmbio de acervos, qualificam-se práticas de educação patrimonial e museal e elevam-se as possibilidades de estudos sobre os territórios e suas territorialidades, bem como a captação de recursos internacionais. Ao alinhar produção científica conjunta, mostras itinerantes e formação profissional binacional, Brasil e Costa Rica criam um laboratório Sul-Sul de inovação museológica capaz de expandir o alcance social do patrimônio biocultural e de oferecer um modelo alternativo para outros contextos latino-americanos.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio cultural, museologia, saberes tradicionais.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Renato Fonseca de. Política de Museus e Patrimônio cultural da UNEMAT: trajetórias, perspectivas e desafios. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins (UNIRIO/MAST), PPG-PMUS, Rio de Janeiro, 2022.

DE CARLI, G. Un museo sostenible. Heredia: EUNA, 2008.

GARCÍA LIRIO, M. Museos y colecciones universitarias de arte en el ámbito iberoamericano. (Tese) Universidad de Granada, Granada, 2021.

MARTINEZ, A. Los museos universitarios como guardianes del patrimonio académico PH 113 (monográfico) Patrimonio y universidad, Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico n.º 113 octubre 2024 pp. 304-305

MORAES, S. A. ; FONSECA, R. ; FALCAO, J. L. F. ; KAYABI, K. ; MUNDURUKU, M. M. ; MORIMA, E. C. ; KAYABI, D. M. ; LEITE, F. S. A. ; RANGEL, M. F. Bases de uma política municipal de patrimônio museológico na Amazônia Mato-grossense: a experiência do Museu do Vale do Arinos (MuVA) na musealização e gestão de referências culturais indígenas. Revista Memória em Rede, v. 16, p. 289-315, 2024.

O Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos nas correspondências entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz (1902-1909)

Maria Karla Belo da Silva Tavares (UNIRIO/MAST) - mariakarlabelo@gmail.com

Márcio Ferreira Rangel (UNIRIO/MAST) - marciorangel@mast.br

Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias de Oliveira (IOC/FIOCRUZ) - barbaradias@ioc.fiocruz.br

INTRODUÇÃO

A partir de 1870, o debate em torno da medicina experimental seria marcado pelas conquistas da era pasteuriana, em que o cenário central do desenvolvimento das ciências médicas se deslocaria para a França e para a Alemanha (Edler, 1996). Henrique da Rocha Lima [1915-1991], integrada a porção de pesquisadores que foram se especializar em Anatomia Patológica em universidades, centros científicos, laboratórios e museus alemães. Em seu retorno ao Brasil, em 1903, é convidado por Oswaldo Cruz [1872-1917] para realizar o estudo da anatomia patológica da Febre Amarela e de seu diagnóstico necroscópico, para a tarefa, replica o modelo alemão, em especial dos Institutos de Berlim e Munique. Nesse período, inaugura o Laboratório de Bacteriologia e Anatomia Patológica em Manguinhos, estabelece o procedimento padrão de análise histopatológica óbitos suspeitos nos Hospitais de Isolamento, com o São Sebastião, culminando na seleção e preservação de peças anatômicas conservadas pelo método de Kaiserling, uma técnica alemã, que eram preservadas pelo Museu de Anatomia Patológica que tinha como objetivo enriquecer o "cabedal científico" dos pesquisadores de Manguinhos. Este estudo propõe-se a responder: como as correspondências entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz (1902-1909) e outras fontes primárias revelam o processo de formação do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos e o impacto do intercâmbio científico-cultural na construção do seu acervo? O estudo busca investigar a formação do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos, bem como o impacto do intercâmbio científico-cultural na construção do acervo em torno da patologia, anatomia e histologia.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa e documental, com fins exploratórios e descritivos. A abordagem metodológica adotada é a revisão bibliográfica, integrada aos objetivos de uma tese de doutoramento em Museologia e Patrimônio, desenvolvida em parceria entre a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). A coleta de dados foi realizada por meio de fontes primárias, especificamente no arquivo histórico permanente da Casa de Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ). O foco da análise documental incidiu sobre as correspondências trocadas entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz, abrangendo o período de 1902 a 1909. Esta seleção temporal foi definida pela relevância dessas correspondências para a compreensão da formação inicial do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos e de sua coleção de preparados anatomopatológicos. Para complementar as correspondências, foram buscadas outras fontes primárias, como prontuários clínicos, relatórios institucionais, catálogos, publicações e inventários relacionados à Seção de Anatomia Patológica (SAP), ao próprio Museu e à atuação de patologistas. A análise buscou identificar menções que auxiliassem na identificação e contextualização das peças do acervo. Embora a pesquisa seja predominantemente baseada em fontes primárias, a revisão bibliográfica inicial serviu para contextualizar o tema e identificar lacunas no conhecimento, orientando a busca por informações específicas nas fontes documentais. Não foram utilizadas bases de dados científicas com descritores e termos booleanos no sentido de uma revisão sistemática, pois o estudo se fundamenta na análise de acervos históricos específicos. O critério de inclusão para as fontes documentais foi a sua direta relação com a história do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos e a atuação de Rocha Lima e Oswaldo Cruz no período de 1902 a 1909. O critério de exclusão foi a ausência de relevância para o objetivo da pesquisa. Assim, procuramos analisar nas correspondências e em fontes documentais externas, a inserção do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos no processo de ensino, divulgação das pesquisas produzidas na instituição e seu reconhecimento internacional como cabedal científico dos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisamos 324 documentos textuais que compõem o dossiê das correspondências entre Henrique Rocha Lima e Oswaldo Cruz, observou-se um crescimento acelerado do acervo que era diretamente beneficiado pela prestação de serviços em hospitais da capital como também, a intensa colaboração entre os pesquisadores que resultou

em estudos complexos de casos convertidos em relatórios, publicações ou material de ensino. As correspondências destacaram a utilização dos métodos de conservação dos órgãos pela técnica de Kaiserling, pioneira no país, como a preservação material de casos clínicos. Em correspondência de 1907, podemos destacar essa influência durante a preparação para o XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim, um receio para que os acervos enviados, em específico, as peças anatômicas de Febre Amarela, estejam em conformidade '[...] com o que se vê aqui nos Museus representando um serviço de expurgo' ao fim, chega a conclusão que talvez fosse melhor fazer na Alemanha (FIOCRUZ, 1907). Além disso, ressalta que o acervo estava sendo enriquecido a partir da seleção de órgãos de autópsias de indivíduos acometidos pela Peste Bubônica, um procedimento padrão realizado em todos os cadáveres durante a epidemia, descrevendo que as peças eram recolhidas para o Museu de Anatomia Patológica com o intuito de preservar e auxiliar no cabedal (FIOCRUZ, 1905). De acordo com André Felipe Cândido da Silva (2011, p. 70-71) em sua passagem por Manguinhos, em 1901, antes do seu intercâmbio à Alemanha, Rocha Lima demonstrava por meio de suas atividades a pretensão de construir um instituto de pesquisas dedicado ao estudo dos micróbios e vetores. O intercâmbio, assim, seria a oportunidade de "beber na fonte" do ensino germânico que se afirmava, na época, como o mais adequado ao cultivo das ciências. procuramos desvendar nas correspondências e em fontes documentais externas, a inserção do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos no processo de reconhecimento internacional, ensino e divulgação das pesquisas produzidas no Instituto Oswaldo Cruz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das correspondências entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz, no período de 1902 a 1909, permitiu evidenciar o papel central do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos na consolidação do Instituto Oswaldo Cruz como um centro de excelência em pesquisa científica, ensino e preservação do conhecimento médico. A criação e expansão do acervo do Museu estiveram diretamente relacionadas à atuação prática dos pesquisadores em hospitais da capital, à sistematização de procedimentos necroscópicos e à aplicação de métodos modernos de conservação, como a técnica de Kaiserling, inédita no Brasil à época. As trocas entre Rocha Lima e Oswaldo Cruz revelam não apenas os desafios enfrentados na organização e manutenção da Seção de Anatomia Patológica, mas também o esforço consciente de construir um "cabedal científico" que dialogasse com os padrões internacionais, especialmente os da medicina germânica. A inclusão do Museu como parte integrante das atividades científicas do Instituto reforça sua importância não apenas como espaço de preservação de espécimes, mas como ambiente de produção de saberes e de intercâmbio científico-cultural.

PALAVRAS-CHAVE

Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos; Henrique da Rocha Lima; Oswaldo Cruz; Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz; Museologia.

REFERÊNCIAS

EDLER, Flavio. O debate em torno da medicina experimental no Segundo Reinado. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, III (2):284-299, jul.-out. 1996.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Dossiê 11 - Correspondência com o cientista Henrique da Rocha Lima. 08/04/1901 - 20/01/1915 (Produção). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, BR_RJ_COC_COR_CI_11.

SILVA, André Felipe Cândido da. A trajetória de Henrique da Rocha Lima e as relações teuto-brasileiras (1901-1956). Nota de Pesquisa, Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos, v. 17, n. 2, jun 2010.

SILVA, André Felipe Cândido da. A trajetória científica de Henrique da Rocha Lima e as relações Brasil-Alemanha (1901-1956). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011. 839 f.

Museu dos Dinossauros e seu entorno: tensões e negociações em partilha de espaços

Maria Betânia Moreira Carvalho Silva (UFTM) - maria.betania@uftm.edu.br
Pedro Donizete Colombo Junior (UFTM) - pedro.colombo@uftm.edu.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho representa um recorte de uma pesquisa realizada no Museu dos Dinossauros[1] (MD), localizado no bairro rural de Peirópolis, Uberaba-MG, um espaço museal vinculado a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). A constituição do espaço, bem como suas memórias e cotidiano é movido e atravessado pela sua vizinhança que tem suas sociabilidades, identidades, tensões e desenvolvimento tangenciado por esse compartilhar do território com o museu.

A comunidade do bairro de Peirópolis teve protagonismo na criação do Museu ao lutar para que ele fosse construído e o acervo fóssil deixasse de ser retirado de Uberaba-MG e levado para a cidade do Rio de Janeiro-RJ, permanecendo na cidade; na participação em processos colaborativos com os profissionais do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)[2]na localização e extração de fósseis de dinossauros e, na luta para provimento de verbas, financiamentos e melhorias físicas para o espaço, além de embates políticos.

O MD nasce no ano de 1991, sendo àquela altura administrado pela Prefeitura Municipal de Uberaba-MG e no ano de 2010 passa a ficar sob a guarda da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), vinculado a Pró-reitora de Extensão Universitária PROEXT, sendo as estruturas físicas, de ensino-extensão-pesquisa e administrativas.

Esta relação universidade e comunidade local é marcada por tensões e conflitos, e o diálogo e negociações devem predominar e possibilitar um museu socialmente comprometido, como tanto reivindicamos e lutamos ao nos posicionarmos por uma nova museologia (Cury, Noronha e Martins, 2024).

[1] O presente resumo faz parte de uma pesquisa de mestrado realizada nos anos de 2018/2019 com os moradores do bairro rural de Peirópolis, em Uberaba/MG com o objetivo de investigar a relação entre o museu e sua comunidade de entorno, sob o olhar da comunidade (Silva, 2019).

[2] O órgão do DNPM foi extinto e substituído pela autarquia Agência Nacional de Mineração (ANM).

Machado (2012, p.73) ao discutir o partilhar do território aponta que

o museu enquanto instituição sociocultural e educativa nunca poderá ser dissociado do território onde se encontra implantado deverá mostrar-se indiferente à sua vizinhança, quando idealiza uma missão ou planeia estratégias de atuação. Pelo contrário, se todos os públicos devem ser calorosamente recebidos no museu, os vizinhos, que com ele partilham território, deverão merecer especial atenção. Ser vizinho não se trata apenas de coexistir em proximidade, trata-se de assumir uma relação que chega acompanhada de questões sobre a partilha de identidades, de objetivos e expectativas, de espaços e recursos, de fragilidades e potencialidades.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo apresentar excertos de duas narrativas de moradores do bairro de Peirópolis que vivem naquele espaço por mais de 30 anos que indica a relação gestão universitária no MD e comunidade do bairro.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo, em que utilizamos a história oral como metodologia de pesquisa para enxergarmos o museu a partir da memória e das vivências compartilhadas pelos moradores participantes da pesquisa. Posteriormente aos momentos de diálogos, que foram audiogravados e transcritos, realizamos as narrativas.

As narrativas foram nosso método de análise que nos possibilitou analisar as questões de pertencimento, lutas, tensões, disputas pelo espaço, laços de afetividade, outras histórias e memórias que permeiam o território a partir das lentes dos moradores que partilham o espaço com o museu.

Um dos pontos que nos chamou atenção e que trazemos neste estudo é o olhar dos moradores que participaram da pesquisa para a questão da entrada da gestão universitária no museu e a relação com a comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES^[1]

Excerto 1 – Sr. Jair:

A UFTM veio em 2008, mais ou menos. Depois do prédio pronto, começou a fazer a transição. Esse prédio foi construído pelo governo estadual e governo federal, mas a prefeitura com a associação ficou tomando conta até fazer a transição para a Universidade. Porque o município não tem dinheiro para manter uma coisa dessa,

[1] Os excertos apresentados abaixo são fontes da pesquisa realizada em 2019. E os nomes dos participantes são fictícios conforme o Termo de Consentimento da Pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa/UFTM.

tem que ser coisa federal, eles fazem os projetos. Isso é muito bom, porque a Universidade é grande, tem condições. Mas, quem está aqui a frente [a UFTM], tem que conversar conosco, porque a gente sabe do que o povo daqui gosta, sabe o que funciona aqui, está aqui todo dia né. [...] Cercaram as passarelas da praça para ninguém entrar, porque eles queriam por um portão eletrônico na parte de cima e um outro de baixo e iria cobrar para entrar na praça, no Museu dos Dinossauros. Nós fizemos uma audiência pública, convidamos eles e acabamos com a ordem deles. Eles esqueceram que a praça é do povo e da comunidade. Eles proibiram, nessa época, minha filha era diretora aqui da escola [escola municipal da região situada em frente à praça], as professoras de ir com os meninos para brincar na grama, eles diziam que a grama não era lugar de brinquedo e é uai. Nós colocamos seis processos nele... ele desviou dinheiro daqui que era de um projeto para fazer um túnel do tempo, de ligar um museu ao outro [espaços do museu] você passava e ia vendo as eras da humanidade e o período dos dinossauros na terra. Ia ficar uma coisa linda, imagina. Porque se você está aqui na praça parece que você está junto de um dinossauro, imagina com um túnel sentindo que voltou no tempo.

Excerto 2 – Sr. Igor:

Quando a UFTM chega, em 2010, ocupa o espaço e administração, devido a insuficiência orçamentaria da associação e do município em gerir o complexo dá novos ares para o espaço. Muita coisa positiva temos a falar, o alcance das ações realizadas pela universidade, a verba, capacidade administrativa e de recursos. Por outro lado, temos dificuldade de conviver a comunidade e universidade. Muitos dos moradores têm pavor da administração da UFTM e não é difícil entender. É só pensar que Peirópolis antes do museu não existia, era um bairro largado, contendo apenas uma fábrica de calcário e uma estação abandonada, e com a presença do CCCP se transformou em local de ciência e a comunidade reconhecida. Pensar no início, o projeto já era um “pepino”, em que precisava do fechamento da fábrica, recursos, visibilidade na imprensa. As famílias daqui abriram as casas para receber os cientistas (eles dormiam e trabalhavam nestas casinhas. A tartaruga que estava no Museu Nacional e foi incendiada, foi empalhada na casa da dona Lia Peiró), lutaram para a implantação do museu, investiu para o desenvolvimento de uma estrutura física, comercial, requereu audiências públicas, veiculavam as informações nos jornais e imprensa, batiam na porta da prefeitura e conseguiam resolver os problemas. Com a chegada da UFTM, a primeira coisa que a instituição fez foi retirar os dizeres da rede nacional de paleontologia, os servidores se mantinham afastados do povo, não cumprimenta o pessoal daqui, não reconhece o trabalho e a atuação da AASPP, e que o CCCP é tudo que encontra-se nos espaço, a arte, as cachoeiras, as doceiras, as lutas e memórias do povo, mas eles não entenderam que tudo integra o espaço. Tivemos alguns episódios como o cercamento do museu e a cobrança para entrar no espaço que para os moradores são deles, o desvio do recurso para ser investidos em projetos de melhoria aqui, e uma demarcação invisível como se aquele espaço não mais

pertencesse a eles. Eu fiz a última assembleia da AASPP há quinze dias, no auditório do CCCP, muita gente tinha muito tempo que não entrava lá. É preciso buscar essa integração. As pessoas aqui sabem que o que atrai aqui é o museu e a partir daí é possível dar visibilidade a todo o complexo, os produtos, doces, artesanatos, lembranças do museu. Por isso todo o carinho com o espaço.

Como evidenciado por Chagas, “há uma gota de sangue em cada museu” evidenciando o campo de disputas e tensões que envolvem as narrativas, memórias e acervo dos museus. Os museus universitários também estão envolvidos neste cenário e é preciso dialogar e negociar as demandas e pautas trazidas pelas comunidades, sobretudo, pela vizinhança.

O museu universitário dos Dinossauros tem um locus privilegiado de aproximar da comunidade, realizando o tripé das universidades – ensino, pesquisa e extensão a partir da dialogicidade e com as comunidades que participam e se sentem pertencentes àquele espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação social no MD possibilita conhecer um museu mais humanizado, tecido das suas múltiplas histórias e narrativas. Sabemos da arena de conflitos que fazem parte deste museu e todos outros já que o museu é um espaço político e de múltiplas atuações e reivindicações. As narrativas apresentam isso.

Para além disso, estamos colocando a importância da valorização das memórias das comunidades e que as universidades acenem para o diálogo e negociações com a presença da sociedade, sobretudo, do seu entorno, para que o museu seja um espaço que efetive a justiça social e se integre aos territórios aos quais se encontram.

PALAVRAS CHAVES

museus universitários; comunidades; tensões; negociações; diálogos

REFERÊNCIAS

CHAGAS, Mário de Souza. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. 1999.

CURY, Marília Xavier; NORONHA, Elisa; MARTINS, Patrícia Roque. Repensar o museu e a museologia a partir da prática colaborativa com os povos indígenas. Entrevista com Marília Xavier Cury. Midas, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 1-16, nov. 2024. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/11tjv>.

MACHADO, Celia. Museus e vizinhança – o desafio de partilhar território. Ensaios e Práticas em Museologia. Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio da FLUP, 2012, v.2, p. 70-91.

Silva, M. B. M. C. (2019). Museologia social: a relação museu-comunidade a partir de vozes que construíram e constroem o Complexo Cultural e Científico de Peirópolis (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais).

Tiradentes Passado Presente: uma expografia para um Museu em movimento

Fabrício José Fernandino (UFMG) - fabriciofernandino@gmail.com

Diná Marques Pereira (UFMG) - dina.ufmg@gmail.com

Patricia Franca-Huchet (UFMG) - patriciafranca.huchet@gmail.com

Fernando Antonio Mencarelli (UFMG) - fernandomencarelli@gmail.com

Lorena Mello Martins (UFMG) - lorena.mello94@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a experiência de construção da exposição de longa duração para o Museu Casa Padre Toledo (MCPT) a partir de renovação conceitual direcionada para uma abordagem crítica e documental da história da cidade de Tiradentes. O MCPT é um espaço fundamental para a difusão da história de Minas Gerais. Ele recebe cerca de 30 mil visitantes anualmente e destaca-se pela arquitetura colonial e elementos artísticos integrados. O casarão do século XVIII, que abriga o Museu, é um dos importantes espaços do complexo cultural denominado Campus Cultural da UFMG em Tiradentes. O Museu promove a democratização do conhecimento, do patrimônio e das artes a partir de ações de preservação e de difusão e atua como um elo entre a cidade e suas manifestações. A exposição Tiradentes Passado Presente aborda a complexidade histórica que atravessa a cidade de Tiradentes e seus espaços culturais e simbólicos em três principais temporalidades: o movimento da Inconfidência Mineira e as imagens criadas em torno do personagem Tiradentes; a inserção de aspectos históricos dos cidadãos tiradentinos de hoje e de outrora; e os projetos de Brasil no ideário modernista a partir do personagem Rodrigo Mello Franco de Andrade, da criação do SPHAN e do tombamento da cidade de Tiradentes. A proposta conceitual e expográfica faz parte de projeto de pesquisa em curso^[1]. As pesquisas envolvem a cena, o espaço, a preservação, mas também a grafia — a escrita — através da construção de uma narrativa que envolve uma estreita relação com a memória e a história local. Nos perguntamos — e estamos respondendo — através de enormes desafios como artistas, curadores, restauradores, pensadores, museólogos e gestores podem encenar uma expografia? Em consonância com Vergès (2023), nossos movimentos

[1] Projeto de pesquisa: História memória e expografia museográfica no Museu Casa de Padre Toledo (2023-2025). Pesquisadores: Patrícia Franca-Huchet, Fernando Antonio Mencarelli, Fabrício José Fernandino, Diná Marques Pereira.

foram de pensar e acreditar em modos distintos de representar histórias e memórias em perspectiva crítica ao passado colonial. “Um exercício decolonial é imaginar formas diferentes de exposição e representação, é fazer exercícios de especulação fictícia. Não se permitir esse exercício é admitir que o mundo é imutável.” (Vergès, 2023, p.79).

MATERIAIS E MÉTODOS

O Museu Casa Padre Toledo, desde sua criação como Museu Regional de Tiradentes em 1974, padece de uma identidade conceitual que potencialize de forma integrada o Solar setecentista e seu acervo. Assim, a definição de uma linha conceitual para a exposição Tiradentes Passado Presente considerou trilhar os caminhos da vocação do MCPT, materializada em 2017 em seu Plano Museológico.

Este plano propõe que a vocação do Museu Casa Padre Toledo seja concebida a partir de seu contexto patrimonial, considerando três núcleos de problematização que se complementam: a) A sociedade e cultura das Minas setecentistas que dá origem ao acervo do MCPT; b) O movimento da Inconfidência Mineira especificamente a figura de Padre Toledo; c) A edificação como elemento que integra e tematiza a história urbana de Tiradentes, tanto do ponto de vista do passado quanto do presente. (UFMG, 2017, p.6).

Em termos metodológicos para a construção da proposta foram desenvolvidas pesquisas, bibliográfica e documental, sobre a história e as memórias da cidade de Tiradentes. A partir de estudos e de discussões com o grupo de trabalho, percebeu-se que o Museu precisava se aproximar ainda mais da população, revelando uma nova roupagem que comunicasse de forma mais sensível e dinâmica, a história mais antiga e também a mais recente da cidade e de seus habitantes. Um dos conceitos possíveis do projeto, o pertencimento direcionou as reflexões para as pessoas que ali nasceram, suas histórias de família, o ambiente de trabalho e religioso e o desejo que pudessem se reconhecer nos espaços do Museu. Priorizou-se a cidade, sua história, seu povo, seus costumes. Outro aspecto importante foi dar visibilidade a Rodrigo de Melo Franco de Andrade, por suas ideias e iniciativas fundamentais para a preservação do patrimônio artístico nacional. Não menos importante foi privilegiar as referências aos povos originários da região, que mantiveram sua cultura ancestral numa relação irmanada com a natureza e com a vida. Partindo deste conjunto de abordagens, foi proposta pela Pró-Reitoria de Cultura da UFMG uma curadoria compartilhada, uma museologia que compreendesse uma leitura crítica do passado colonial em Tiradentes. (Mencarelli, 2024, Vergès, 2023). As bases acima descritas se aliaram a um projeto expográfico com um novo design que propôs favorecer a organização do acervo e a interação do público com a coleção.

foram de pensar e acreditar em modos distintos de representar histórias e memórias em perspectiva crítica ao passado colonial. “Um exercício decolonial é imaginar formas diferentes de exposição e representação, é fazer exercícios de especulação fictícia. Não se permitir esse exercício é admitir que o mundo é imutável.” (Vergès, 2023, p.79).

MATERIAIS E MÉTODOS

O Museu Casa Padre Todelo, desde sua criação como Museu Regional de Tiradentes em 1974, padece de uma identidade conceitual que potencialize de forma integrada o Solar setecentista e seu acervo. Assim, a definição de uma linha conceitual para a exposição Tiradentes Passado Presente considerou trilhar os caminhos da vocação do MCPT, materializada em 2017 em seu Plano Museológico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição Tiradentes Passado Presente teve como resultado da construção curatorial a criação de grandes eixos: 1) a cidade de Tiradentes, povos originários, ocupações, encontros de culturas, exploração aurífera, escravização e resistência; 2) a Inconfidência Mineira, seus antecedentes e consequências ao longo do tempo; 3) o personagem Padre Toledo; 4) o Solar, a arquitetura colonial, usos e costumes, arte e fé, vida privada; 5) Rodrigo Mello Franco de Andrade e o patrimônio cultural. O conceito 'Passado Presente' visou referenciar as vivências do passado sem deixar de ampliar as perspectivas de representações das memórias da cidade ao longo do tempo e de seus habitantes. Em termos estratégicos, a nova exposição busca renovar e viabilizar projetos educativos e culturais; efetivar pesquisa de público; fortalecer ações de pesquisa, preservação e política do acervo; manter programa de exposições temporárias; efetivar a acessibilidade e capacitação funcional; buscar financiamento a partir de agências de fomento; efetivar um plano de divulgação e comunicação; aumentar o número de visitantes e fortalecer a ideia da Casa de Padre Toledo e do museu como lugares de memória da cidade (Nora, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tiradentes Passado Presente propõe uma museografia que apresente e valorize as bases culturais de suas populações fundantes e das comunidades afrodescendentes que construíram o patrimônio físico e cultural da cidade desde o período colonial. Diante de todos estes aspectos, e aliada a uma expressiva intervenção de

manutenção no edifício, a realização desta nova museografia para o MCPT foi prevista para ser executada em momentos distintos, devido à complexidade de sua execução, do tempo necessário para elaboração de projetos executivos e das pesquisas necessárias para sua efetivação: iniciada em março do ano de 2024, com inauguração em julho de 2025. A proposta tem sido rica de diálogos com a comunidade, plena de reflexões, encontros, saberes e guarda uma grande afetividade para o público e os cidadãos de Tiradentes. O processo, desde sua implantação, se configurou como um 'Museu em Movimento'. Vale observar que a partir de um dado momento o público teve acesso gratuito em meio aos trabalhos construtivos da nova expografia. O Museu Casa Padre Toledo, hoje, é um lugar de acolhimento e pausa, para ter o tempo necessário para um olhar voltado para o aprendizado e a fruição artística e da memória. A UFMG foi e tem sido de grande importância como guardião do MCPT a partir do Campus Cultural UFMG em Tiradentes.

PALAVRAS-CHAVE

Museu Casa Padre Toledo. Tiradentes. Descolonização. Identidade Cultural. Expografia social.

AGRADECIMENTOS

À UFMG, à Pró-Reitoria de Cultura da UFMG, ao Campus Cultural da UFMG em Tiradentes, a cidade de Tiradentes e aos profissionais envolvidos no projeto. Agradecimentos à Deputada Estadual de Minas Gerais Andréa de Jesus, pela Emenda Parlamentar que viabilizou ações de preservação no Museu; e à Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade.

REFERÊNCIAS

MENCARELLI, Fernando. Museologia decolonial em Tiradentes. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Cultura da UFMG, 2024. (Projeto Seleção Pública - Petrobras Cultural – Novos Eixos).

Nora, P., & Aun Khoury, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Cultura. Plano Museológico Museu Casa Padre Toledo. Tiradentes, MG: Pró-Reitoria de Cultura da UFMG, 2017.

VERGÈS, Françoise. Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Quando o Museu Universitário encontra a Museologia Social? A criação do Museu Indígena Pyulaga Waujá

Renato Fonseca de Arruda (PPGGeo UNEMAT) - renato.fonseca@unemat.br
Saulo Augusto de Moraes (MuVA UNEMAT) - saulo.augusto.moraes@unemat.br
Kamarariwé Raôry Waurá (PUC-GO) – kamapuc18@gmail.com
Yanahin Matala Waurá - yanahin@gmail.com
Umejitawana Tuhu Waurá (UNEMAT) - pedrostuhu842@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este relato visa compartilhar a participação dos pesquisadores e lideranças na proposta de criação do Museu Indígena Pyulaga Wudjá (Wauja Öñäunakakira Öpöna), em especial, a partir de um conjunto de ações iniciadas em 2021, com a criação e gestão da Seção Mato Grosso do Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro, da qual emergiu um Grupo de Trabalho sobre Patrimônio Indígena. Em sequência, registra-se o apoio à implementação e a devolutiva da pesquisa de doutorado em Museologia e Patrimônio Cultural, concluída em junho de 2022 no PPG-PMUS (UNIRIO-MAST), dedicada à análise da distribuição de museus e bens culturais no estado de Mato Grosso e à formulação da Política Universitária de Museus e Patrimônio Cultural da UNEMAT. O itinerário analisado também integra as iniciativas do Museu do Vale do Arinos (MuVA), museu universitário de gestão compartilhada entre a UNEMAT, a prefeitura de Juara e a organização do terceiro setor Ecumam.

Trata-se de um relato acadêmico, de caráter descritivo e reflexivo, acerca de um processo colaborativo desenvolvido junto ao povo Waurá (ou Waujá, autodenominação), habitantes do Território Indígena do Xingu (TIX), em Mato Grosso. A experiência ocorreu no início de 2024 e envolveu diálogo intercultural intenso, imersão em territórios locais visando a idealização e construção de um museu de território de base indígena. Nas seções a seguir, apresentam-se o contexto inicial da iniciativa, as atividades realizadas na aldeia Pyulaga, o papel dos pesquisadores na concepção museológica, os resultados da assembleia geral e as reflexões sobre os significados político, cultural e colaborativo desse processo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento desta experiência, ocorreram pesquisas documental, bibliográfica e participante, imbuídas de valores decoloniais articulados as teorias e metodologias da museologia social. As pesquisas incluíram levantamento de registros fotográficos, materiais de divulgação, livros, artigos e dissertações e teses disponíveis em repositórios e periódicos institucionais e plataformas digitais gratuitas, visando aprofundar a análise sobre a relação entre museologia, documentações museológicas, coleções etnográficas e a ativação patrimonial de/pelos povos indígenas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 16 e 25 de janeiro de 2024, desenvolveu-se um circuito de ações voltadas ao fortalecimento do patrimônio cultural em Mato Grosso, articulando quatro marcos territoriais – o Museu de Humanidades “Alaíde Montecchi” (MHAM, Cáceres), o Museu do Vale do Arinos (MuVA, Juara), o Museu de História Natural de Alta Floresta (MHN, Alta Floresta) e a Aldeia Pyulaga do povo Waurá, no TIX. A jornada teve início no MHAM, com agenda de entrega da tese de doutorado, seguindo para o MuVA, onde se realizou visitas e diálogos para conhecimento in loco do museu e suas atividades. A terceira parada ocorreu no Museu de Alta Floresta, onde se ampliou o diálogo sobre os museus regionais. Nessa etapa, envolveu a direção do museu, a equipe do comitê gestor, discentes da UNEMAT e membros da ONG Ecumam, quando foram apresentados os procedimentos de registro, acondicionamento e interpretação de acervos etnográficos. A dinâmica combinou diálogos com exercícios práticos e conhecimento da reserva técnica (figuras 01 e 02).

Ocorreram rodas de conversa que trataram de desafios de sustentabilidade financeira, integração com o turismo local e estratégias de inclusão de narrativas plurais nas exposições permanentes e temporárias. O percurso culminou na Aldeia Pyulaga, às margens do Rio Batovi, dentro do TIX, guiada pelo Kamariwé Raôry Waurá. Atravessando trilhas na floresta e chegando na aldeia, sob o convite das lideranças indígenas, incluindo o cacique Yapatsiyamã Waurá e o agente de saúde e liderança Yanahin Matala Waurá, que se reuniram em assembleia coletiva para entender a proposta e a sua viabilidade, considerando que propostas anteriores foram desconstruídas por outros pesquisadores. Após apresentar as possibilidades na Assembleia, no dia 24 de janeiro de 2024, ocorreu a reunião das lideranças na Kuwakoho (Casa dos Homens), que deliberaram pela fundação e denominação de Museu Indígena Pyulaga Wudja (Wauja Öñäunakakira Öpöna), concebido como museu de território (figuras 03 e 04).

Figuras 01 e 02: Diálogo no MuVA, com o diretor e equipe do Comitê Gestor.



Fotos: autores, 2024.

Durante três dias, foram realizadas escutas e coleta fotográfica visando subsidiar a construção de estratégias para responder a curto, médio e longo prazo as expectativas em relação a função social do museu indígena, considerando os interesses em criar meios para garantir a transmissão dos saberes impactados pelas mudanças culturais decorrentes do acesso a diversidade de culturas e informações disponíveis na internet. Ao final, a priori, assinada pelas lideranças masculinas, na sequência pelas mulheres, jovens e crianças, a ata da criação do museu ficou sob posse das lideranças. Essas etapas, interligadas por um fio condutor de museologia social, resultaram na criação do museu indígena localizado na mais populosa aldeia. A experiência demonstra o potencial de redes colaborativas que unem universidade, poder público e comunidades tradicionais na salvaguarda ativa do patrimônio cultural mato-grossense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre Quando o museu universitário encontra a museologia social? A experiência da criação do Museu Indígena Pyulaga Waudja, identifica-se os pontos de convergência entre essas duas vertentes, que reside na capacidade de um museu acadêmico abandonar o papel de curador dos saberes e referências culturais para assumir a condição de mediador dialógico de memórias e direitos. O desencadeamento da ideia (originado antes e no processo da devolutiva de uma pesquisa de doutorado e amadurecido no âmbito da Política Universitária de Museus da UNEMAT) demonstrou que a universidade, ao estender seus dispositivos técnicos e científicos, pode catalisar processos de autorrepresentação cultural sem substituí-los.

A trajetória do MuVA, que levou à assembleia na Aldeia Pyulaga revela que, quando o conhecimento acadêmico se encontra com a prática da museologia social, surgem modelos de museu que transpõe paredes, vitrines e os muros invisíveis das cidades. Nesse espaço simbólico, espera-se que os Waurá possam e continuem a exercer sua

autonomia patrimonial, enquanto pesquisadores aprendem, reformulam métodos e reforçam compromissos éticos. Assim, embora ainda embrionário, a criação do Museu confirma que a missão universitária pode e deve ser reescrita a partir das vozes comunitárias, convertendo-se em plataforma de resistência cultural, intercâmbio de saberes e inovação social.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio cultural, museologia, ativação patrimonial, saberes tradicionais.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Renato Fonseca de. Política de Museus e Patrimônio cultural da UNEMAT: trajetórias, perspectivas e desafios. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins (UNIRIO/MAST). Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2022.

GARCÉS, Claudia Leonor López; KARIPUNA, Suzana Primo dos Santos. “Curadorias do invisível: conhecimentos indígenas e o acervo etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi”. In: Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 10, n. 19, jan./jun., 2021, p. 101-114.

MORAES, S. A. ; FONSECA, R. ; FALCAO, J. L. F. ; KAYABI, K. ; MUNDURUKU, M. M. ; MORIMA, E. C. ; KAYABI, D. M. ; LEITE, F. S. A. ; RANGEL, M. F. Bases de uma política municipal de patrimônio museológico na Amazônia Mato-grossense: a experiência do Museu do Vale do Arinos (MuVA) na musealização e gestão de referências culturais indígenas. Revista Memória em Rede, v. 16, p. 289-315, 2024.

INTRODUÇÃO

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) é uma instituição de extrema relevância em sua tipologia no Brasil, reunindo em sua coleção obras que contemplam diferentes temas sociais e políticos do século XX e XXI. Herdeiro das coleções do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP) fundado no final da década de 1940, desde sua criação em 1963 seu acervo cresceu exponencialmente, chegando atualmente a mais de 7.500 obras.

A exposição de longa duração proposta pelo museu em 2023, em comemoração aos 60 anos da instituição, pega emprestado o nome *Tempos Fraturados* da coletânea de livros de Eric Hobsbawm publicada em 2013, um ano após sua morte, e “[...] propõe uma reflexão sobre quais obras e quais artistas presentes no acervo contam sobre a experiência histórico-político-social dos séculos 20 e 21, vivida a partir do Brasil. De modo crítico, nesse itinerário, a própria formação do acervo está imersa nessa narrativa.” (MAC USP, 2023). Com duração de cinco anos, a mostra, para além da reflexão dos acontecimentos dos últimos 120 anos, busca também observar as lacunas, ausências e presenças no acervo, e “[...] permite ao Museu cumprir seu papel universitário, tornando-se espaço de formação em vários níveis e de debate crítico sobre a história das artes visuais.”(Ibidem). É dentro dessa perspectiva de um museu como produtor de conhecimento, que a presente pesquisa se insere e passa a refletir sobre um dos agrupamentos de obras que compõem a exposição: Resistência.

Entre o conjunto de mais de 80 artistas que participam da exposição, é necessário destacar que somente oito deles são negros, e destes, apenas uma mulher negra, a artista e professora Rosana Paulino (SIMÕES, 2024, p. 223), que também fez parte do conselho deliberativo durante o período em que a exposição foi gestada. O trabalho que está sendo desenvolvido tem por objetivo refletir sobre o também artista e professor Sidney Amaral e como este está inserido na mostra: das quatro obras presentes no acervo, três fazem parte da exposição, estando reunidas no agrupamento Resistência, sendo elas “Meu coração brasileiro” (2012), “Canto para Ogum” (2012) — duas litografias em cores — e “Fome e a vontade de comer” (2017), uma colher com uma espécie de anzol na ponta, feita em inox, acomodada em um estojo de madeira. Tais obras são recentes no acervo: foram doações de Claudinei

Roberto (curador, professor e amigo pessoal de Sidney Amaral) feitas ao museu em 2021, no contexto do webinar de pesquisa MAC USP PROCESSOS CURATORIAIS: Curadoria Crítica e Estudos Decoloniais em Artes Visuais - Diásporas Africanas nas Américas, em que diferentes pesquisadores adentraram o acervo do museu observando as presenças e as ausências de artistas e temáticas afro diaspóricas, e do qual Claudinei foi um dos convidados para construir o painel curatorial.

Recentes neste acervo, as obras de Sidney desempenham um papel dentro da narrativa proposta, dividindo o espaço diretamente com as obras nº 2 e nº 3 da série “Assentamento” (2013) de Rosana Paulino e os seis primeiros “Emblemas” (1989) de Rubem Valentim, mas também com “A negra” (1923) de Tarsila do Amaral. O espaço expositivo nos convida a observar a multiplicidade de expressões e temas possíveis em diferentes tempos históricos com protagonismo negro, além de provocar um tensionamento entre a representação e a auto-representação de pessoas negras, segundo Simões: “A estratégia adotada foi interrogar não apenas o ínfimo número de artistas negros do conjunto da coleção, mas também perceber como artistas brancos, com ênfase nos modernistas, representaram a existência negra.” (Ibidem, p. 225). Diante do que foi colocado, o que buscamos compreender é como se dá a inclusão de Sidney Amaral nos acervos dos museus públicos de São Paulo que incluem este artista em suas exposições de longa duração, sendo eles, além do MAC USP, a Pinacoteca de São Paulo e o Museu Afro Brasil Emanuel Araújo. Portanto, o trabalho aqui apresentado é um recorte de uma pesquisa maior em andamento dentro do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa e responder adequadamente às diversas questões levantadas, se faz necessário utilizar uma variedade de metodologias, passando desde a análise documental nos acervos das instituições — buscando informações das obras, históricos de exposições anteriores e informações sobre os processos de entrada das obras no museu —, análise da literatura do tema, com destaque para os textos curatoriais, análise das obras investigando os temas, símbolos e questões sociais abordadas nas suas diferentes técnicas, além da realização de entrevistas com curadores, educadores, outros trabalhadores do museu e com visitantes de diferentes níveis de familiaridade com os espaços expositivos, observando as diferentes perspectivas e leituras das narrativas museológicas de um mesmo acervo. A escolha por diferentes abordagens metodológicas se justifica pela complexidade da investigação, que envolve tanto a análise das obras de Sidney Amaral em diferentes museus, quanto o estudo das dinâmicas museológicas e curatoriais que influenciam sua presença nessas instituições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na etapa atual da pesquisa, estamos levantando a documentação de todas as obras trabalhadas, observando sobretudo os processos de aquisição e as suas respectivas justificativas institucionais. No que diz respeito ao MAC USP, procuramos entender a influência das últimas gestões na aquisição de obras de artistas negros brasileiros e os debates promovidos pelo museu sobre sua própria coleção, observando as lacunas e ausências ainda existentes. Ademais, das três obras de Sidney trabalhadas no museu, a obra “Fome e a vontade de comer” (2017) nos chama maior atenção: foi produzida no ano em que o artista faleceu e, diferente dos demais objetos produzidos pelo artista expostos nos outros museus trabalhados, não se trata da galvanoplastia de um objeto cotidiano, mas uma construção poética que nos leva a reflexões sobre a situação sócio-política atual, como o retorno do Brasil em 2022 ao mapa da fome da ONU.

Ao final, espera-se que a presente pesquisa contribua não somente com o campo da museologia, mas também para o debate mais amplo sobre a necessidade de estudos críticos de perspectiva decolonial dos espaços culturais e educativos, de seus acervos e das práticas museológicas, sugerindo novos caminhos para a construção de narrativas mais inclusivas e diversificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto uma pesquisa ainda em andamento, com o presente trabalho pretendemos apresentar a instituição e seu acervo, integrando o MAC USP ao circuito de museus universitários, além de difundir a produção do artista trabalhado, que apesar da presença no cenário museológico paulista, adentrou poucos espaços fora, estando presente nos acervos de somente mais uma instituição brasileira, o Museu Afro-Brasileiro em Salvador, e um museu fora do Brasil, Museo de La Solidaridad Salvador Allende no Chile.

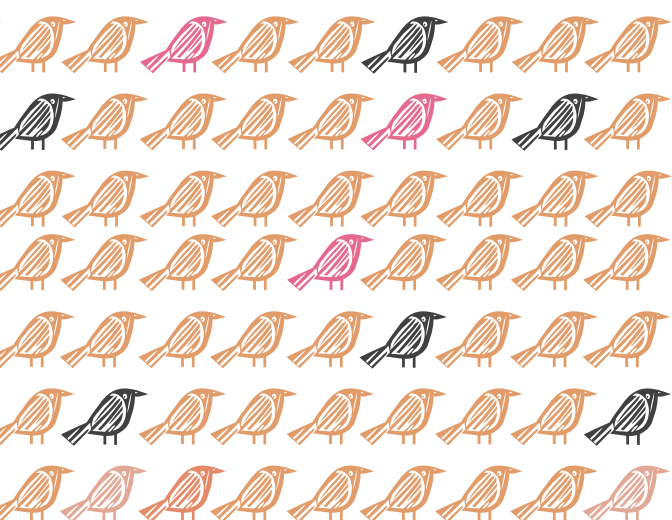
PALAVRAS-CHAVE

Curadoria crítica; Sidney Amaral; Museu decolonial; Museus universitários.

REFERÊNCIAS

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Tempos fraturados: exposição 2023. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2023/tempos-fraturados/index.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

SIMÕES, Igor Moraes. Tempos fraturados: arte branco-brasileira e o caso do MAC USP. In: MAGALHÃES, Ana; COSTA, Helouise; BOGÉA, Marta (org.). Tempos fraturados. São Paulo: Edusp, 2024.



SALA 9
PESQUISA MUSEOLÓGICA,
POLÍTICAS CULTURAIS E
MUSEOLOGIA CRÍTICA

Mediador
Aline Escandil

Bolsista
Joana de Medeiros Isidio

Ao longo das apresentações da Sala Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica, tivemos uma manhã de trocas intensas, repletas de diálogos e provocações que atravessaram diferentes perspectivas da Museologia. As falas revelaram o quanto o campo tem se ampliado, assumindo múltiplas linguagens e metodologias, e como a pesquisa em Museologia segue sendo um espaço de construção coletiva entre teoria, prática e engajamento social.

A primeira fala, de Maria Karla Belo da Silva Tavares (UNIRIO/PPGPMUS), intitulada “Levantamento preliminar dos museus de anatomia brasileiros”, apresentou um panorama detalhado e quantitativo sobre instituições dedicadas ao estudo anatômico, um recorte que costuma permanecer à margem das grandes discussões museológicas. O levantamento identificou 104 museus dessa tipologia no país, com maior concentração nas regiões Sudeste e Sul, evidenciando a ligação histórica entre esses espaços e as políticas sanitárias e educacionais do início do século XX. A autora destacou a importância de reconhecer esses acervos como patrimônio cultural da saúde e propôs o fortalecimento de grupos de pesquisa e redes colaborativas voltadas à preservação e atualização de dados.

Em seguida, Valéria (FAPERN/UERN) apresentou o trabalho “O museu como espaço cultural acadêmico: ações e vivências no Museu de Cultura Sertaneja”, que abordou o papel do museu universitário como agente social e educativo. Sua fala trouxe uma sensibilidade ímpar ao tratar da valorização da cultura sertaneja e das ações desenvolvidas em parceria com a comunidade local. Foram mostradas exposições e projetos extensionistas realizados desde 2012, como “O Sertanejo e o Trabalho”, “Memórias dos Engenhos das Casas de Farinha” e “Memórias de Comunidades Negras e Quilombolas”. A pesquisadora ressaltou a importância das ações de inclusão e acessibilidade, como oficinas de audiodescrição e atividades voltadas para mães e estudantes atípicos, demonstrando que a Museologia também é feita de cuidado, presença e escuta.

A terceira apresentação, de Victor Mendes (FAPERN/UERN), intitulada “Olhares multissemióticos por meio das fotografias do Museu Popular Francisco Dantas: arte popular em linguagens museais”, destacou o uso da fotografia como ferramenta interpretativa e crítica das exposições. O autor explorou como o olhar fotográfico pode revelar novas camadas de significado sobre o acervo e o discurso expositivo, especialmente no contexto da arte popular. A pesquisa ressaltou o papel do Museu Popular Francisco Dantas, que reúne mais de 1.500 itens e constitui um importante centro de preservação e difusão da cultura do Alto Oeste Potiguar. A fala reforçou o potencial formativo e simbólico desses museus, que operam como espaços de memória, resistência e criação coletiva.

Encerrando a sessão, Ariane Heloise (Mestrado USP) apresentou “Denilson Baniwa: museologia da arte indígena no MAC/USP”, estudo que discute o processo de incorporação da obra “Fiquei com raiva e levantei pra falar” ao acervo do Museu de Arte Contemporânea da USP. A obra, exibida na 33a Bienal de São Paulo, levantou questões fundamentais sobre a presença e o protagonismo indígena nos museus universitários, as práticas decoloniais e os desafios de salvaguarda de obras performáticas e digitais. A autora compartilhou a trajetória do processo museológico — desde os pareceres técnicos até os debates éticos sobre autoria e representação — e nos convidou a refletir sobre como as instituições podem (e devem) rever seus procedimentos à luz das epistemologias indígenas e das novas linguagens artísticas.

Nos minutos finais, constatado a ausência de alguns trabalhos, abrimos um espaço de diálogo coletivo o onde grupo debateu, tirou dúvidas, fez conexões e reflexões sobre os trabalhos apresentados, num ambiente de escuta e de construção conjunta. Destaco aqui a participação da Dra. Profa Cristina Bruno, que contribuiu de maneira significativa, indicando referências teóricas, comentando experiências de pesquisa e ensino, e propondo articulações entre as apresentações. Ela também compartilhou exemplos de trabalhos desenvolvidos no Mestrado da USP, além de promover trocas de contatos entre os participantes, fortalecendo a rede de pesquisa e colaboração no campo museológico.

De modo geral, as apresentações se articularam de maneira complementar, tecendo um panorama abrangente sobre os modos de pensar e praticar a Museologia nos dias atuais. Cada fala contribuiu para expandir o olhar sobre o campo, mostrando como teoria e prática se entrelaçam nas experiências concretas dos museus e de seus agentes. A diversidade dos temas que transitaram entre a ciência, a arte, as políticas culturais e as experiências comunitárias. Evidenciou realidades distintas, mas unidas pelo mesmo propósito: o de consolidar um fazer museal, inclusivo e comprometido com as urgências sociais do presente.

Acredito que esse conjunto de apresentações gerou uma dinâmica viva e propositiva dentro do grupo, estimulando o exercício do pensamento crítico e o diálogo entre perspectivas diversas. As falas não se limitaram a relatar resultados de pesquisa, mas expandiram os caminhos a novas perguntas e possibilidades de ação, reforçando o caráter reflexivo e transformador do tema proposto na sala Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica.

Ao final, ficou evidente a relevância de espaços como o 8o Fórum Permanente de Museus Universitários, que fortalecem a troca entre vozes, trajetórias e territórios, ampliando o sentido de pertencimento e de rede dentro da Museologia brasileira. Encontros como este reafirmam que a Museologia não se constrói apenas nas

instituições, mas nas relações humanas que as sustentam, no diálogo entre gerações, experiências compartilhadas e na abertura a novos modos de pensar o museu e o seu dia a dia. Assim, esta sala se consolidou como um verdadeiro espaço de aprendizado mútuo, de escuta e de construção coletiva, reafirmando o papel da Museologia como campo propositivo de encontros, ações em conjunto, reflexão e transformação contínua.



Apresentações de comunicação oral, na sala 9 pela manhã, sobre Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 9 pela manhã, sobre Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica - Fotógrafo: Flávio Almeida

Conhecer para preservar: levantamento preliminar das Coleções e Museus de Anatomia no Brasil

Bianca Scofano Barbosa (PPGHCS/FIOCRUZ) - biancascofano@gmail.com

Maria Karla Belo da Silva Tavares (PPGPMUS/UNIRIO) - mariakarlabeledo@gmail.com

Maurício Cândido da Silva (MAV/FMVZUSP) - maumal@usp.br

Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias de Oliveira (IOC/FIOCRUZ) - barbaradias@ioc.fiocruz.br

Marcelo Pelajo-Machado (IOC/FIOCRUZ) - mpelajo@ioc.fiocruz.br

INTRODUÇÃO

O estudo apresenta um levantamento inicial dos museus de anatomia e suas coleções no território brasileiro, a fim de articular problemáticas em comum que tais instituições vivenciam cotidianamente na busca da preservação de seus acervos, proveniente de práticas médicas, de saúde pública e de ensino superior (Serres, 2015, p.1412). A pesquisa integra as proposições do grupo de trabalho ‘Museus de Anatomia, Patologia e Histologia’ criado em 2024, que surge a partir da necessidade de articulação de gestores e especialistas frente aos desafios de preservação e gestão do patrimônio cultural das ciências e da saúde (Silva, 2019, p. 298). Se na virada do século XIX, a formação de coleções anatômicas era incentivada e associada ao ensino de uma disciplina científica, no caso, a medicina, patologia e a veterinária, atualmente percebe-se a possibilidade de novos usos e apropriações por parte da sociedade. Ao mesmo tempo, tais processos impõem desafios como discussões a respeito da manutenção do acervo e a exposição ética de espécimes, em especial de corpos humanos (Alberti; Hallam, 2013). Dessa forma, a comunicação destaca que, apesar dos avanços, é imprescindível reconhecer a importância destas coleções tanto para a formação dos museus no país quanto na produção de conhecimento, assim como o potencial de estudos para diversas áreas científicas, como ferramenta de inovação e divulgação científica (Handfas, 2018).

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho consiste em um estudo exploratório e quantitativo elaborado a partir do levantamento prévio no repositório da Rede de Coleções e Museus Universitários (RBCMU) com 84 instituições de anatomia humana e veterinária listadas - <http://rbcmu.com.br/>. No entanto, a pesquisa buscou ampliar as informações coletadas, a partir da inserção de acervos de instituições provenientes de institutos de pesquisa, fundações, hospitais e museus de outras entidades, para além das Instituições de Ensino Superior. Dessa forma, realizamos a revisão dos dados coletados com tabela estruturada com os seguintes campos: (1) nome, (2) ano de

fundação, (3) especialidade anatômica (zoologia, humana ou comparada), (4) contato e (5) localização (estado e região). As informações foram acrescentadas a fim de contextualizar as instituições e ampliar o conhecimento desses acervos pensando no fortalecimento do GT de Museus de Anatomia, Patologia e Histologia. Ainda, analisamos os repositórios do Cadastro de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC) e o projeto de levantamento de Museus de Ciências pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) que ampliou para 105 instituições, com os seguintes termos: coleção de anatomia, anatomia patológica, anatomia veterinária, zoologia, anatomia humana e outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Museus e Universidades são instituições historicamente interligadas, atuando na formação de coleções e na preservação do patrimônio cultural e científico (Bruno;Silva, 2019). No Brasil, os primeiros museus, como o Museu Nacional e o Museu Emílio Goeldi, surgiram no século XIX e foram fundamentais para a institucionalização das ciências (Lopes, 1997;2009). No entanto, ao contrário da Europa que tem a criação de museus universitários sobretudo no século XIX, a associação com universidades brasileiras se intensificou a partir da década de 1930, com a reforma varguista, quando museus passaram a ser incorporados às universidades, como o Museu Nacional à UFRJ, em 1946 e o Museu Paulista à USP, em 1963. No Brasil, as primeiras coleções de anátomo-patologia e histopatologia surgiram no início do século XX, impulsionadas pela Medicina Experimental e pela Bacteriologia que ganharam força na América latina neste período (Tavares, Barbosa, Dias, 2023). Os resultados obtidos com o levantamento dos museus de anatomia existentes no país corroboram com o contexto explicitado acima no qual também se percebe um crescimento exponencial de museus dessa tipologia nas últimas quatro décadas. Além disso, a maior concentração de coleções de anatomia se encontra nas regiões sudeste e sul (67,2%). Em sua maioria, as instituições identificadas são de zoologia e de veterinária (53,8%), o que acreditamos que tenha como raiz a forte tradição da História Natural em relação a Anatomia Humana. Ainda assim, o quantitativo de coleções de anatomia humana é expressivo (38.5%), demarcando a importância destas coleções para o ensino médico no país. Outros 6,7% dos museus identificados possuem coleções de anatomia humana e veterinária. Por fim, acreditamos que as políticas culturais e de museus estabelecidas nas últimas décadas são marcos importantes para pensar o crescimento de museus universitários no país, além de serem ferramentas de fortalecimento do papel e atuação destas instituições no cenário brasileiro com a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente comunicação evidencia a importância dos museus e universidades como espaços fundamentais para o ensino, a formação e a preservação do patrimônio científico-cultural. Os dados indicam uma quantidade expressiva de museus desta tipologia, sobretudo de veterinária, que tem seu crescimento nas últimas décadas. O levantamento também expõe que a maioria das coleções de anatomia estão salvaguardadas em museus universitários, ressaltando o viés do ensino nas instituições museais e suas potencialidades de usos para a academia e a sociedade, como a divulgação científica. Ainda assim, desafios como a falta de representatividade dos museus e coleções de anatomia entre os pares é uma situação que impacta não só no fortalecimento, mas também no estabelecimento de diretrizes específicas para o campo, como a exposição ética destas coleções.

PALAVRAS-CHAVE

Museus de Anatomia; Museus Universitários; Coleções Biológicas; Museologia

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S; J.M.M.; HALLAM, E. Bodies in Museums. In: Medical Museums: Past, Present, Future. London: Royal College of Surgeons, 2013.
- HANDFAS, Ethel Rosemberg. O Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia nas Universidades: os objetos e coleções da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2018. 151f.
- LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. Editora Hucitec, 1 edição, 2009.
- SILVA, Maurício Cândido da. A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: proposição, pesquisa, colaboração e manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus. Revista CPC, v. 27, n. ja/jul., p. 297-309, 2019.
- SILVA, Maurício Cândido da; Bruno, Cristina. Coleções e museus universitários. In: CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. A pesquisa em Museologia ou por uma pesquisa adjetivada. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356493175_A_pesquisa_em_Museologia_o_u_por_uma_pesquisa_adjetivada. Acesso em: 2 maio 2025.
- SERRES, Juliane Conceição Primon. Preservação do patrimônio cultural da saúde no Brasil: uma questão emergente. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.4, out.-dez. 2015, p.1411-1426.

TAVARES, Maria Karla Belo da Silva; BARBOSA, Bianca Scofano; OLIVEIRA, Barbara Cristina Euzébio Pereira. Museu e medicina experimental: A coleção da seção de anatomia patológica do Museu da Patologia. In: RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de; GRANATO, Marcus (orgs.). Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: Da cultura material à gestão de museus. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2023. p. 265-283.

O museu como espaço cultural acadêmico: ações e vivências no Museu de Cultura Sertaneja - MCS/CAPF/UERN

Valéria Inajara Costa Fernandes (FAPERN/MCS/UERN) - valeriainajara@hotmail.com

José Gevildo Viana (MCS/UERN) – josegevildo@uern.br

Victor Rafael do Nascimento Mendes (UERN/PPGL-CAPEs) – vrnmendes@gmail.com

André Felipe Barros e Queiroz (FAPERN/MSC/UERN) – lipebarrosqueiroz.15@gmail.com

Artur Martins de Oliveira (MCS/UERN) - artur20240045630@alu.uern.br

INTRODUÇÃO

Os museus contemporâneos ultrapassam sua função tradicional de conservação e exposição de acervos, assumindo papéis educativos, sociais e culturais (Chagas, 2003; Gohn, 2006). Inserido nessa perspectiva, o Museu de Cultura Sertaneja (MCS), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), destaca-se como espaço de valorização da identidade sertaneja e de promoção do diálogo com a comunidade, articulando atividades de ensino, pesquisa e extensão. Vinculado ao Projeto de Extensão Raízes da Cultura Sertaneja (PROCULT), o MCS realiza ações educativas e culturais que compreendem uma participação da comunidade acadêmica e externa, e com base em temáticas voltadas para a cultura sertaneja vêm realizando suas exposições, curadorias.

Ultimamente o MSC vem estabelecendo parcerias institucionais de suma importância para o fazer ciência e cultura na região, e dentre essas parcerias, destacamos a presença da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN), que até então, vem abrindo editais para bolsista remunerados, com o propósito de selecionar projetos que fomentem cada vez mais as ações do MCS. Para tanto, objetivamos com esse trabalho, apresentar alguns dados de uma pesquisa ainda em andamento, que está sendo realizada mediante parceria, MSC e FAPERN, intitulada, “Museu de Cultura Sertaneja: inovação, tecnologia e arte”. Tal pesquisa tem como propósito, fazer um mapeamento das visitas e pesquisas desenvolvidas no MCS desde sua criação (2012) até os dias atuais, observando os impactos dessas atividades para o desenvolvimento científico e tecnológico do território do Alto Oeste Potiguar no qual pauta a atuação do MCS.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho baseia-se na vivência do bolsista pesquisador no MCS entre 2024 e 2025. Para tanto, foram organizadas coletas de dados institucionais — exposições,

eventos, visitas, entrevistas e acervos — por meio de levantamento e sistematização documental, com base em fontes internas (MCS, 2025) e em algumas também externas, mas vinculadas de algum modo ao MCS. As atividades que balizam essa pesquisa envolvem também ações multidisciplinares como oficinas, rodas de conversa e curadoria e exposições, a exemplo da atual exposição comemorativa “SerTão da Gente”. As metodologias utilizadas incluíram a organização dos dados por meio de elaboração de registros fotográficos, relatórios, tabelas, planilhas e entrevistas, bem como participação ativa em eventos promovidos pelo próprio MCS, e de suas parcerias institucionais, como a do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo ainda em fase inicial, considerando a meta 01 colocada no projeto, de identificar, através dos registros feitos, as escolas públicas, particulares, instituições de ensino técnico e superior que visitaram o Museu de Cultura sertaneja no período de 2012 a 2025 durante suas exposições, a sistematização dos dados aponta para um importante impacto de um número considerável de visitantes ao MCS ao longo de seus 12 anos de atuação. Com mais de 12 mil visitas registradas, o MCS recebeu públicos, notificados até então, de 15 estados brasileiros (RN, PB, CE, PE, BA, PI, SP, PR, RS, DF, GO, SC, PA, AM, MA) e três países (França, África e Portugal). Além disso, observou-se também que já foram realizadas sete exposições próprias com temáticas sobre sujeitos sertanejos e sua cultura local, a saber “O sertanejo e o trabalho”, “Casa arrumada”, “Memórias dos engenhos e das casas de farinha”, “Andanças e memórias dos vaqueiros no Alto Oeste Potiguar”, “Memórias da passagem da Coluna Prestes no Alto Oeste Potiguar”, “Cultura e Resistência: memórias das comunidades negras e quilombolas no Alto Oeste Potiguar” e “Exposição Itinerante e Comemorativa ‘SerTão da Gente’” e recebidas duas mostras externas “Mulheres Pioneiras Pau-ferrenses” e “Do Vale ao Alto: o que me toca”. Quanto aos eventos, já foram realizados mais de 25 como de natureza cultural educativa, a citar Seminário “O Encanto do Cordel – Uma abordagem histórica e literária” (2012), Curso de Desenho de Lápis Grafites (2016) e 4ª Boca de Noite: “A cultura popular no espaço acadêmico: desafios e perspectivas” (2024), reforçando o caráter propulsor e de articulação com a comunidade acadêmica e externa, contribuindo assim no fomento da cultura e sua vivência junto a população do território sertanejo.

Ações como a “Primavera dos Museus” de 2024, com o tema “Museus, acessibilidade e inclusão”, mobilizaram diferentes públicos. Atividades voltadas para alunos da APAE, grupos de mães atípicas, idosos do grupo “Conviver” e o público geral

mostraram que o museu é um espaço inclusivo e sensível à diversidade. Oficinas de audiodescrição e rodas de memória fortaleceram o papel do MCS como lugar de escuta ativa e produção de sentidos (Desvallées & Mairesse, 2013; Chagas, 2003). Damos destaque também, a atual exposição “SerTão da Gente”, lançada em 2025, sintetizou as temáticas abordadas ao longo dos anos, promovendo a itinerância e o diálogo com outros municípios. A integração com a comunidade e a atuação em rede, por meio de parcerias com escolas, associações e projetos, contribuem para a democratização do conhecimento e a valorização da cultura regional (Santos, 2008; Bruno, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para efeito de conclusão, mesmo considerando a pesquisa institucionalizada pela FAPERN ainda em andamento, essa vem contribuindo de forma significativa com a sistematização, organização e tabulações dos dados do MCS, garantindo o zelo pelas informações e constituição de um corpus, que o MCS já constituiu por meio de pesquisas já realizadas sobre seu acervo, bem como, podendo impulsionar novas pesquisas. Dito de outro modo, mesmo em andamento, o projeto já apresenta contribuições significativas, como a facilitação do acesso à memória institucional do MCS e o estímulo a novas pesquisas. A atuação do MCS no Alto Oeste Potiguar reforça o papel da universidade pública na promoção da cidadania, da inclusão e da valorização dos saberes locais.

Pelos dados apresentados, já se delineia uma forte atuação do MCS para o desenvolvimento da região, no tocante aos aspectos dos bens culturais, garantindo assim o fortalecimento institucional do museu, dando visibilidade ao seu alcance educativo, científico e cultural e tecnológico, e o seu potencial para o desenvolvimento do território, da região, ou seja, os dados apurados até o momento inicial de nossa pesquisa, incide na afirmativa de que o MCS vem se consolidando cada vez mais como espaço de memória, cultura e educação, resultantes de diálogos profícuos entre universidade e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Museu. Cultura Sertaneja. Educação. Inclusão. Patrimônio Cultural.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN). Ao Museu de Cultura Sertaneja (MCS/UERN). Ao Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF/UERN) e à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

REFERÊNCIAS

BRUNO, M. C. O. Museu, memória e patrimônio cultural. São Paulo: ACAM Portinari, 2009.

CAPF – Campus Avançado de Pau dos Ferros. Museu de Cultura Sertaneja. UERN, 2021.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. Conceitos-chave de museologia. São Paulo: ICOM, 2013.

D'ANGELO, L. Museus e educação: o papel do espaço museológico na sociedade contemporânea. 2019.

GOHN, M. G. Educação não-formal e cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. Primavera dos Museus. Disponível em: <https://www.gov.br/museus>.

Olhares multissemióticos por meio de fotografias do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas/RN: arte popular em linguagens museais

André Felipe Barros e Queiroz (UERN) – lipebarrosqueiroz.15@gmail.com
Victor Rafael do Nascimento Mendes (UERN/PPGL-CAPEs) – vrnmdes@gmail.com
José Gevildo Viana (MCS/UERN) – josegevildo@uern.br
Valéria Inajara Costa Fernandes (FAPERN/MCS/UERN) - valeriainajara@hotmail.com
Arthur Martins de Oliveira (MCS/UERN) - artur20240045630@alu.uern.br

INTRODUÇÃO

A valoração da arte popular^[1] no panorama cultural brasileiro tem produzido efeitos positivos no atual cenário museológico do país, já que, durante longo período, a produção industrial teve grande papel para a desvalorização desse campo.

Historicamente, a relação de percepção do design brasileiro, vindo das classes populares, em figuras como a arquiteta Janete Costa, por exemplo, apresenta e insere a arte popular em seus interiores projetados. Seguindo o mesmo parâmetro, a arquiteta Lina Bo Bardi realizou a exposição, “A mão do povo brasileiro”, na inauguração do MASP, cujo objetivo foi de provocar a crítica a perceber que uma obra de uma artista conhecido e um objeto da cultura popular equiparam-se como trabalho. No Rio Grande do Norte, destacam-se: Antônio Marques e Francisco Francinildo, ambos do Natal RN, merchants e pesquisadores de arte popular, os quais realizam importante coleta e levantamento do trabalho de artistas potiguaras, bem como de artistas do nordeste.

Na atualidade, considerando os territórios interioranos do estado do Rio Grande do Norte (RN), encontramos, na região do Alto Oeste Potiguar, o trabalho pioneiro do Professor Doutor Jairo José Campos da Costa, Pós-Doutorado em Letras/Estudos Literários, Colecionador, Museólogo e Incentivador da produção artística sertaneja no país. No intuito de popularizar o acesso aos museus, criou/institucionalizou museus ligados à Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e, em sua cidade natal, Francisco Dantas, no RN, restaurou e transformou a casa de sua avó em um Museu de Cultura Popular.

[1] Categorizamos o “artesanato” dentro do leque terminológico da “arte popular”, uma vez que a produção artesanal é, por excelência semântica, um campo artístico cultural.

Reconhecendo a grandeza histórica, identitária, museal e “multissemiótica” (Kress; Van Leeuwen, 2001) do trabalho desenvolvido pelo Professor Jairo Campos, surgimos a seguinte indagação: de que modo o Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas valoriza a arte popular em suas exposições? Considerando a multissemiótica da arte popular, que linguagens estão presentes na curadoria do museu? Para responder aos questionamentos, delimitamos os nossos objetivos em: apresentar um relato de experiência fotográfico acerca da disposição museal do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas, bem como analisar a composição sistêmica e multissemiótica das linguagens dispostas no espaço museal.

MATERIAIS E MÉTODOS

No intuito de compreender melhor a dinâmica do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas, realizamos, em princípio, visita técnica ao espaço físico museológico, realizando levantamento esquemático arquitetônico de cada ambiente existente, registrando falas com instrumentos de coleta de áudio, coleta de documentos bibliográficos e, principalmente, através de registros fotográficos. As fotografias nos permitiram apresentar, visualmente, o espaço museológico de modo multissemiótico (Kress; Van Leeuwen, 2001). Os instrumentais da pesquisa utilizados foram: câmera fotográfica profissional, softwares de tratamento das imagens, computador para armazenamento de arquivos disponibilizados pelo museu;

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Museu estudado é um espaço de visitação gratuita, constituído, aproximadamente, por 1.500 peças, sem considerar espaços de biblioteca, midiateca, bonecas de pano e bordados. O acervo é constituído em 90% de arte popular de diferentes linguagens/gêneros/tipologias e em 10% de antiguidades.

A visão inicial do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas já evidencia o grande acervo constituído com diversas linguagens, gêneros e tipologias de arte popular. No entanto, essa visão não consiste em um amontoado de objetos, sem contexto ou coerência, já que a curadoria e a expografia do ambiente tiveram o cuidado em dividir os itens museais por categorias temáticas e com espaços específicos. Do ponto de vista do panorama visual e descritivo, é possível encontrar a importância do equipamento museal em diversas frentes: cultural, turística, educativa, social, formativa, tecnológica etc. As lentes fotográficas buscam descrever, através dos registros feitos, o que uma “pequena casa amarela de portas azuis” consegue realizar em uma região árida de políticas públicas, sobretudo culturais.

Durante o trabalho, enfrentamos alguns desafios no sentido de conseguir transmitir, através do registro fotográfico, um espaço pequeno com um universo de objetos, ao mesmo que compreendemos, a partir das leituras multissemióticas das peças museais, o conceito dualista intimista-expressivo, que evoca olhar e a identidade singular do colecionador e da memória coletiva sertaneja. Sendo assim, consideramos que o Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas sistematiza a oportunidade de leituras de diversas naturezas temáticas, as quais estão vinculadas ao tema central de cada ambiente curatorial do museu (Kress; Van Leeuwen, 2001). O papel da fotografia, nesse sentido, é desafiador, uma vez que requer olhar atento para captar, pelo menos, o maior número de leituras e interpretações possíveis das peças museais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A casa popular da avó do Professor Jairo Campos, hoje Museu de Cultura Popular, salvaguarda em suas paredes um mundo de deslumbramento em seu interior, possibilitando um ambiente de ampliação do repertório cultural por meio do fazer museológico-popular. O contato com o Museu resultou em novas experiências e possibilidades no entendimento de um panorama da arte popular brasileira em um espaço mínimo que, pelas lentes fotográficas, se registra apenas um pequeno recorte.

Neste trabalho, a coleta e apreciação dos dados foram suficientes para responder os questionamentos apontados, já que o referido museu é hoje um dos principais ambientes de salvaguarda da arte popular, o que, por esse motivo, já dimensiona a valorização. No que se refere à multissemiótica, percebemos, pelos registros fotográficos realizados, que a arte popular oportuniza a leitura de diversas naturezas temáticas, as quais estão vinculadas ao tema central de cada ambiente curatorial do museu, à identidade do colecionador e à memória coletiva.

Com as respostas obtidas, atingimos os objetivos propostos, uma vez que apresentamos um relato de experiência fotográfico acerca da disposição museal do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas, bem como analisamos a composição sistêmica e multissemiótica das linguagens/itens museais dispostos no espaço.

PALAVRAS-CHAVE

Multissemiótica. Arte popular. Fotografia. Linguagens. Museu.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à FAPERN por possibilitar fomento à pesquisa. À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Ao Campus Avançado de Pau dos Ferros/RN (CAPF/UERN). Ao Museu de Cultura Sertaneja (MCS/CAPF/UERN). Ao Prof. Dr. Jairo Campos, por levantar no sertão potiguar um espaço voltado à cultura popular.

REFERÊNCIAS

COSTA, Jairo José Campos da. O sertão Potiguar e a coleção Jairo Campos: (Re)leituras da arte popular brasileira. Maceió, AL: Editora Olyver, 2021. Acesso em março 2024.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication. New York: Oxford University Press, 2001.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, ainda em andamento, tem como objetivo o estudo do processo de musealização da obra “kéeroa nhua, nhiníko hótshome kaakó karo nhua [fiquei com raiva e levantei-me para falar]” (2018-2021), do artista Denilson Baniwa, doada ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP). Este estudo é parte da pesquisa de mestrado da autora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, intitulado “Perspectivas acerca da gestão de arte indígena contemporânea em acervos de museus de arte brasileiros”, orientado pela Prof^a Dra. Marília Xavier Cury, o qual tem como objetivo a investigação de procedimentos museológicos, políticas e gestão de acervos de museus de arte em relação a obras de arte indígena.

Portanto, para o 8º FPMU, será apresentado o estudo da documentação referente ao processo de doação da obra de Denilson Baniwa, considerando as políticas de aquisição, gestão de acervo e os processos de musealização de obras no MAC USP, a fim de compreender suas características institucionais e seus projetos políticos de inserção de artistas indígenas no panorama institucional do museu. Além disso, por meio de análise de entrevista com o artista, o estudo também irá considerar a percepção do artista em relação aos procedimentos adotados para a musealização de sua obra, a fim de entender suas perspectivas e estratégias referentes à participação indígena no circuito das artes.

A doação da obra de Denilson para o MAC USP, apesar de representar a única obra de arte indígena no museu até o momento, consiste em um movimento de prática decolonial dentro das atividades do museu, extremamente necessária para a reflexão sobre estratégias decoloniais, como forma de valorizar a construção de narrativas historicamente excluídas do modelo hegemônico de museu e, consequentemente, dos museus universitários.

Sendo o MAC USP vinculado à Universidade pública, há o compromisso ético e democrático de trazer voz e representatividade para dentro do museu, também como uma forma de atualização dos equipamentos culturais universitários, para a ressignificação histórica e desprendimento das lógicas coloniais a partir de ações dialógicas entre arte e pesquisa.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo se baseia na pesquisa em fontes primárias, com a análise de documentos, atas e entrevistas que narram o processo de doação da obra, desde o projeto de doação até as decisões do conselho deliberativo, documentos estes presentes no arquivo documental do MAC USP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra estudada partiu de um processo de doação do artista, a partir de um projeto elaborado juntamente com a Prof^a Dra. Fernanda Pitta, curadora do MAC USP. De acordo com a documentação disponibilizada pelo museu,

1) O vídeo faz parte de uma série de performances realizada por Denilson Baniwa em uma espécie de co-autoria com a entidade Pajé-Onça, por isso pode ser também indicada como uma ação da série "Performance Pajé-Onça". O vídeo apresenta a versão final e completa da ação realizada em 17 de novembro de 2018, em São Paulo, que contemplou a caminhada do "Pajé-Onça" iniciando no Monumento às Bandeiras, passando pelo Parque do Ibirapuera, pela Oca (Pavilhão Lucas Nogueira Garcez), pelo MAM SP (Museu de Arte Moderna de São Paulo), e chegando na 33a Bienal de Arte de São Paulo, quando o artista realizou a performance intitulada "Pajé-Onça hackeando a 33a Bienal de Artes de São Paulo". [...]

Ainda, a documentação aponta que obra foi apresentada na exposição Moquém_Surari: arte indígena contemporânea, ocorrida de 04/09/2021 a 28/11/2021, no Museu de Arte Moderna de São Paulo - São Paulo, São Paulo, e foi apresentada por meio de um QRCode, criado pelo artista, para o acesso ao vídeo.

A relevância da entrada da obra de Denilson no MAC USP se dá pelo fato de que o museu, enquanto instituição, chegou ao Brasil e foram instaurados com o intuito de um projeto civilizatório reproduziam a homogenia do conhecimento, em uma posição de replicação dos modelos europeus. A partir dessa perspectiva, Waldisa Rússio aponta:

Numa visão diacrônica, verifica-se que [...] se pode sentir a existência de um passado que, certamente, existe, mas não sedimentou suficientemente. Talvez, pela razão mesma de ter, o Museu, se antecipado – como instituição – à própria Independência, carregando, assim, consigo, muito de uma mentalidade colonial ou colonizada. (GUARNIERI, 1979, p. 08)

Esta configuração de museu que se desenvolve a partir do legado colonial baseia-se no princípio da narrativa única, aquela contada pelo homem branco europeu, que assim promove um epistemicídio ao não permitir a entrada de outras vozes e perspectivas que destoem da ficção heroica do colonialismo. Além disso, a imposição da ideologia de supremacia da cultura europeia projeta uma universalidade ocidental, que hegemoniza e apaga a diversidade artística e cultural dentro das instituições.

A partir dessa pontuação, compreende-se a importância dos acervos e coleções de arte para a visibilização de artistas racializados, de forma a possibilitar um rompimento “com as práticas de domesticação e colonização, com a anestesia e o entorpecimento produzidos pela museologia colonialista” (CHAGAS, 2017, p. 126) e dar um passo rumo ao que pretendia o movimento da Nova Museologia, de estabelecer relações com a sociedade de forma participativa e constitutiva na elaboração de seu discurso institucional e nos usos do museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, ainda em desenvolvimento, procura pontuar as formas de participação de artistas indígenas nos sistemas das artes e nos museus universitários. Nesse sentido, a presença indígena no museu se torna cada vez mais urgente com este panorama de funcionamento, de modo que adentrem na instituição museal a qual só estão acessando como agentes na contemporaneidade, como discorre Marília Xavier Cury, “ora requalificando coleções outrora formadas por antropólogos, ora elaborando autonarrativas a serem comunicadas por meio de exposições ou outras estratégias.” (CURY, 2016a, p. 12). A afirmação da presença indígena em acervos de arte também é uma forma de enfrentamento de processos coloniais (OLIVEIRA, 2023) e precisa ser pensado de forma holística a partir de perspectivas indígenas acerca dos processos museológicos, curatoriais, gestão de acervo e de preservação.

PALAVRAS-CHAVE

Arte Indígena. Museu de arte. Musealização. Política de gestão de acervo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à PROAP – Programa de Apoio à Pós-graduação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por possibilitar a participação no 8º FPMU.

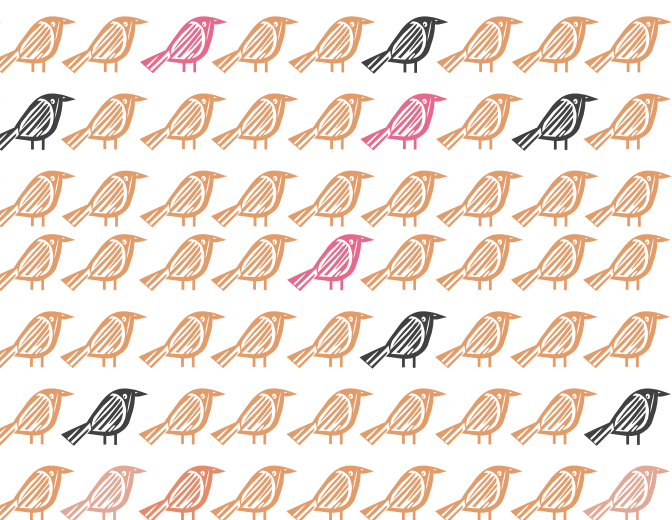
REFERÊNCIAS

CHAGAS, Mário. Museus e Patrimônios: Por uma poética decolonial. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 35, p. 121-137, 2017.

CURY, Marília Xavier (2016a). Introdução. Direitos indígenas no museu: novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão. (Coleção Museu Aberto). Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia, 2016, p. 12-22.

GUARNIERI, W. Russio. Existe um Passado Museológico Brasileiro? *O Estado de São Paulo, Suplemento Cultural*, Ano III, n. 143, 29 jul. 1979, pp. 6-8.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. A presença Indígena. *Jornal da USP*, 5 de jun. 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/?p=646471>>.



SALA 9 **EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO** **CULTURAL**

Mediador
Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez

A sala destacou como mediação, itinerância e práticas participativas aproximam ciência, arte e comunidade. Em Educação patrimonial itinerante: o museu vai à escola, o MIPA/UFC apresentou um percurso que integra paleontologia e arqueologia em duas frentes expositivas, com fósseis, réplicas, artefatos e painéis, tudo acondicionado em expositores móveis pensados para circulação escolar. O projeto nasce do LABBAT/NPDM e da Reserva Técnica de Arqueologia, com autorização do IPHAN, e articula extensão, pesquisa e formação de equipe. A mostra percorreu escolas e eventos, registrando 1.508 visitantes em três edições recentes, com forte adesão estudantil e perguntas que revelam curiosidade genuína sobre evolução, fossilização e culturas pretéritas. Sem cobrança e com canais de agendamento acessíveis, a iniciativa transforma a exigência legal de educação patrimonial em prática concreta de divulgação científica e estímulo vocacional.

Em Como somos por dentro do corpo? o Museu de Anatomia da UFRJ apresentou uma coleção visitável criada em 2017 no CCS/Ilha do Fundão, organizada em 15 vitrines e 4 expositores com mais de 200 peças humanas, além de modelos, fotografias, pinturas e ceroplastia. A mediação ativa sustenta a experiência: dinâmicas lúdicas como a “Cadeira da Confiança” (percepção tátil com olhos vendados), quebra-cabeças, jogos de sistemas e a vitrine interativa #Eunavitrine favorecem autonomia, diálogo e conforto do público diante de um tema sensível. O museu recebe cerca de 1.500 pessoas/ano e já formou mais de 120 extensionistas, que produzem materiais didáticos e conteúdos para redes, ampliando o alcance educativo para além da visita.

A dimensão criativa aparece nas Visitas Desenhadas do MAUC/UFC, atividade do programa de extensão Desenhando no Museu, baseada na Abordagem Triangular (ver-contextualizar-fazer). Entre agosto e dezembro de 2024, foram oito visitas em exposições temporárias e permanentes (rendas, Sertão Galvão, Aldemir Martins, Descartes Gadelha, Raimundo Cela, Antônio Bandeira, Chico da Silva). O desenho de observação seguido de criação autoral consolidou conteúdos, estimulou trocas e conectou biografias dos artistas às trajetórias das/dos participantes, reforçando o museu como espaço de pertencimento e aprendizagem estética.

No eixo do patrimônio urbano, Na Trilha do Patrimônio – Memória e Pertencimento (Museu da UFRGS) propôs caminhadas contemplativas pelos quarteirões do campus central, combinando aula dialogada com roteiro a céu aberto. A metodologia costura história da universidade, arquitetura, sujeitos que ergueram os edifícios e narrativas do cotidiano acadêmico, valorizando dimensões tangíveis e intangíveis. As edições receberam avaliações positivas, geraram novos roteiros e aproximaram setores institucionais (Patrimônio Histórico, Observatório Astronômico, Centro Cultural), enquanto defendem o caminhar lento como prática política de reocupação da cidade e de educação patrimonial.

Fechando o conjunto, Imaginários sobre animais peçonhentos (NOAP/UFBA em parceria com escolas de Iraquara/BA) levou a exposição “Os bichos do museu vão às comunidades – Ciência Móvel” a duas localidades rurais, alcançando cerca de 300 estudantes e 200 moradoras(es). Com mediação especializada, ações como REDEZOO em Cena, zoologia viva, kits educativos e podcasts abriram conversas sobre prevenção, ecologia e saúde pública, resignificando medos e estereótipos. O encontro com serpentes, aranhas e escorpiões – em segurança e com rigor ético – ativou perguntas potentes e transformou conhecimento técnico em repertório cotidiano para redução de riscos.

Em síntese, a sala demonstrou caminhos complementares para educar com museus: ir até a escola, abrir acervos com mediação sensível, criar por meio do desenho, caminhar para habitar o patrimônio e dialogar com urgências locais. A tônica é comum: formação discente em serviço, redes interinstitucionais, acessibilidade e produção compartilhada de saberes — práticas que ampliam cidadania cultural e consolidam os museus universitários como motores de aprendizagem, memória e cuidado com a vida.



Apresentações de comunicação oral, na sala 9 pela tarde, sobre Educação e Mediação Cultural- Fotógrafo: Flávio Almeida

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um relato de caso sobre o Museu Itinerante de Paleontologia e Arqueologia (MIPA), um projeto de extensão gerido pelo Laboratório de Bioarqueologia Translacional (LABBAT) e Reserva Técnica de Arqueologia (RTA), ligados ao Programa de Pós-Graduação em Medicina Translacional (PPGMT), vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM), da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (FAMED-UFC). E aborda a interface de interação museal, extensão e pesquisa, relatando os métodos de exposição, abordagens de temas, contextualizando a problemática: é necessário levar o museu na escola? Apresenta excertos de entrevistas e avaliações dadas pelos participantes.

O MIPA é fruto do esforço coletivo do NPDM em incentivar crianças e adolescentes a despertarem o interesse pela ciência. Inspirado na exposição itinerante do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Estadual da Paraíba (LABAP-UEPB), o MIPA é um dos resultados de uma parceria feita entre pesquisadores da UFC e da UEPB no ano de 2020, que visava, naquele ano, desenvolver a primeira pesquisa em bioarqueologia com remanescentes ósseos da Paraíba ([Santos, 2023](#)).

Em 13 de dezembro de 2023 o Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) aprovou pelo Parecer Técnico nº 19/2023 (DEPAM-IPHAN), o LABBAT-NPDM-UFC como instituição de guarda de materiais arqueológicos. Foi constituída a Reserva Técnica de Arqueologia (RTA-NPDM), organizada pelos pesquisadores do LABBAT. Para montar os expositores as peças foram selecionadas dentre fósseis e artefatos arqueológicos, réplicas e ferramentas utilizadas em campo e em laboratório.

O LABBAT conta com um professor visitante, três doutorandos, uma mestranda e um graduando. Esta equipe multidisciplinar conta com membros que já tiveram experiências em museus, gerando uma dinâmica profissional de transmissão de saberes museológicos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram confeccionados vinte expositores de madeira, todos com tampa de vidro, alças laterais e fechadura, forrados com Etil Vinil Acetato (EVA), onde as peças foram fixadas com presilhas plásticas (enforca gato) para evitar qualquer tipo de movimento durante os deslocamentos.

A exposição é dividida em dois blocos: 1. Paleontologia, com fósseis dos períodos Cambriano, Cretáceo, e Quaternário, e réplicas de crânios; 2. Arqueologia, remete ao período Holoceno, com artefatos de pedras lascadas, artefatos de pedras polidas, artefatos malacológicos (conchas), cerâmicas da etnia Tupi, representações de pinturas rupestres da tradição Nordeste, Subtradição Seridó, remanescentes ósseos humanos mineralizados de 1.140 anos antes do presente (Cavalcante; da Silva Limeira, 2023).

Foram elaborados três cartazes com imagens e textos, apresentando o MIPA, abordando o tema paleontologia, e o terceiro abordando o tema arqueologia.

A exposição de Paleontologia aborda conceitos de períodos geológicos, surgimento da vida, processos evolutivos, diversidade biológica, extinção, processos de fossilização, jazigos fossilíferos no estado do Ceará, processos de escavação, classes de vertebrados, interações paleoambientais e paleoclimáticas.

A exposição de Arqueologia aborda sobre a hipótese da origem do homem no Nordeste do Brasil, tecnologia lítica, a cerâmica como utilitário do cotidiano e de ritos funerários, arte rupestre, contextos funerários, sítios arqueológicos no Ceará, métodos de escavações.

Para solicitar a exposição itinerante do MIPA a escola pode contactar o LABBAT via redes sociais (<https://www.instagram.com/labbat.npdm.ufc>), pode enviar ofício ao gabinete da direção do NPDM (<https://npdm.ufc.br/pt/>) ou através dos membros via e-mail (rta.npdm@ufc.br). Não é cobrado nenhum tipo de valor financeiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O escopo de saberes na exposição do MIPA é multivariado, multidisciplinar e transpassa os limites das especialidades "arqueologia e paleontologia".

Segundo relatos dos visitantes é sempre “surpreendente” e “fascinante” ver tamanha diversidade científica em uma exposição. Os estudantes interagem bastante com os facilitadores diante dos expositores, não só fazendo perguntas, mas fazendo afirmações.

As crianças, por sua vez, fazem perguntas interessantes sobre: o que comem as trilobitas? Seria a preguiça gigante parente do Sid do filme A Era do Gelo? Por que a megafauna era tão grande? Como que o peixe se transforma em rocha? O que é esse membro aqui nesta pintura rupestre? Existe girafa fóssil? Dinossauro era colorido?

No ato da elaboração do presente artigo, passaram pela exposição do MIPA 1.508 (mil quinhentas e oito) pessoas, todas devidamente registradas em listas de frequência relacionadas em livro ata. Foram realizadas três exposições ao todo: uma no dia 14/03/25 no evento de 10 anos de comemoração do NPDM; uma no município de Jaguaribara no dia 02/05/25, e a uma realizada no colégio Conexão Futuro na cidade de Fortaleza no dia 14/05/25.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de produção científica que consolidou o MIPA tem dado resultados significativos com a produção científica, com o fortalecimento de relações institucionais, com a criação de linhas de pesquisa, com a inclusão, com a socialização, com a democratização do patrimônio material, com a criação de acervo e principalmente com a busca ao incentivo de jovens estudantes.

Respondendo à pergunta da pesquisa: é necessário levar o museu para a escola? Sim, o museu deve ir à escola para facilitar a divulgação científica, o acesso às coleções científicas institucionais e para garantir o que diz a lei sobre a obrigatoriedade da educação patrimonial, e para que, no presente, se dê garantias ao despertar de novos cientistas entre as crianças e adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Patrimonial. Museu Itinerante. Arqueologia. Paleontologia. Interdisciplinaridade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM), ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e ao Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por apoiarem e fomentarem a consolidação do Museu Itinerante de Arqueologia e Paleontologia.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, TS; DA SILVA LIMEIRA, MV. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SERROTE DOS OSSOS, CARAÚBAS-PB E UM BREVE ESTUDO A PARTIR DO CONTEXTO FÚNEBRE DOS POVOS CARIRI. REVISTA TARAIRIÚ, [s. l.], 2023.

SANTOS, Antônio Sílvia Teixeira dos. Estudo bioarqueológico de remanescentes ósseos de um ameríndio da etnia Tupiguarani. 2023. Dissertação de Mestrado em Medicina Translacional[s. l.], 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/74032>.

Como somos por dentro do corpo? Educação museal e valorização do patrimônio universitário no Museu de Anatomia da UFRJ

Ludmila Ribeiro (UFRJ/ UNIRIO) – ludmila@icb.ufrj.br

INTRODUÇÃO

Qual o tamanho do coração? Quantos ossos nós temos? Como os sistemas interagem no organismo? Como somos por dentro do corpo? As respostas destas questões que nos cercam são construídas ao longo da visita ao Museu de Anatomia da UFRJ. Com esse propósito educativo e preservacionista, em 2017 foi criado o denominado “Museu de Anatomia Por dentro do Corpo”, uma coleção visitável localizada no Laboratório Anatômico do prédio do Centro de Ciências da Saúde (CCS) no Campus Ilha do Fundão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - RJ, Brasil.

Esta coleção é acessível ao público mediante agendamento e tem entrada gratuita, promovendo ao visitante o contato com o ambiente acadêmico. Neste espaço o visitante pode visualizar como somos por dentro do corpo, percorrendo vitrines com peças anatômicas humanas reais, dentre ossos, músculos e órgãos. Além deste material biológico, o tema Anatomia Humana é apresentado através do acervo de fotografias artísticas, pinturas, modelos didáticos e esculturas.

No contexto atual, os museus universitários, antes voltados historicamente para um público restrito ao espaço acadêmico, passam a ser mais acessíveis e buscam metodologias de educação museal para estimular o diálogo com públicos diversos. O uso de jogos didáticos e dinâmicas estimulam a troca e envolvem ativamente o visitante na descoberta do corpo. Além de proporcionar uma ação educativa, as atividades têm o objetivo de deixar o público à vontade para interagir com os mediadores e com o acervo, dialogando ao longo da visita, compartilhando suas vivências e saberes e construindo juntos o conhecimento sobre o corpo humano de forma prazerosa e divertida.

MATERIAIS E MÉTODOS

Neste espaço apresentamos aos visitantes como somos por dentro do corpo, percorrendo 15 vitrines e 4 expositores organizados didaticamente com mais de 200 peças anatômicas humanas reais, fotografias artísticas, pinturas, modelos didáticos e esculturas em cera (ceroplastia) do século XIX. Os mediadores utilizam jogos didáticos e proporcionam ao público a experiência única de sentir, visualizar e dimensionar de forma palpável partes do nosso corpo (Figura 1), geralmente conhecidas apenas através de imagens de livros didáticos, permite uma melhor compreensão da realidade de como o corpo humano é por dentro (CARVALHO e UZIEL, 2018).

A principal dinâmica do Museu realizada com os visitantes é denominada "Cadeira da Confiança" (Figura 1), onde eles têm os olhos vendados e, sentados em uma cadeira, podem tocar em órgãos e ossos humanos diversos. Nesta experiência tátil inclusiva para todos os públicos, é preciso adivinhar qual parte do corpo está tocando, enquanto os mediadores do museu (graduandos de diversos cursos da área da Saúde da UFRJ) interagem com ela e os demais visitantes fazendo perguntas e dando dicas para que a pessoa consiga descobrir o que está manipulando.



Figura 1: Visitantes com olhos vendados participando da "Cadeira da Confiança", dinâmica de manipulação de peças anatômicas para estimular a percepção tátil.

Outras dinâmicas e jogos são realizados com o público nas visitas, como Quebra-Cabeças, Jogo da Memória (Figura 2.A), "Onde está o Cláudio?" (o visitante deve procurar as logos do nosso mascote, que estão escondidas nas vitrines), "Dados dos Sistemas" para relacionar as funções entre os sistemas do corpo (Figura 2.B) e o "Desafio Orgânica" (Figura 2.C), onde o público é stimulate a identificar as estruturas anatômicas humanas e vegetais em fotografias artísticas.



Figura 2: Dinâmicas com os visitantes: (A) Jogo da memória; (B) Desafio Orgânica

As dinâmicas realizadas, além de proporcionarem uma ação educativa, deixam o público mais à vontade para interagir com os nossos mediadores e com o acervo do museu, dialogando conosco ao longo de toda a visita, compartilhando assim suas experiências e saberes e, nesta interlocução de vozes diversas, construímos juntos o conhecimento sobre o corpo humano de forma prazerosa e divertida.

Ao final do percurso no Museu, temos a vitrine interativa denominada #Eunavitrine (Figura 3), onde os visitantes podem montar o esqueleto na posição que desejarem e também entrar na vitrine, tirar fotos e se perceberem como exemplares anatômicos da exposição de forma ativa.



Figura 3: Visitantes montando e interagindo com as peças do esqueleto na #Eunavitrine

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde sua inauguração, o Museu recebe anualmente cerca de 1500 pessoas e já contribuiu para a formação de mais de 120 extensionistas, através de treinamento na produção de material didático e de divulgação científica, na mediação e no relacionamento com o público. As visitas são mediadas por alunos dos cursos da Saúde, que apresentam o acervo e propõem jogos e dinâmicas de manipulação de peças plastinadas e montagem de esqueleto. O papel do mediador é fundamental, sendo a essência das atividades e interlocução com o público (CAMPOS, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os extensionistas mediadores são aqueles que proporcionam a experiência única e personalizada a cada grupo de visitantes, “são eles que concretizam a comunicação da instituição com o público e propiciam o diálogo com os visitantes acerca das questões presentes no museu, dando-lhes novos significados” (MARANDINO, 2008, p. 28). Além da visita, a equipe do Museu produz vídeos didáticos e disponibiliza apresentações de trabalhos acadêmicos no Youtube e elabora conteúdo de divulgação científica em formatos variados (memes, enquetes, fotos, reel) no Instagram e Facebook (@pordentrodocorpo), mantendo a interlocução com o seu público.

PALAVRAS-CHAVE

Museu de Anatomia; Educação museal; Atividade lúdica; Dinâmica

AGRADECIMENTOS

PROFAEX-UFRJ, SIMAP-UFRJ, CNPq e FAPERJ

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, F. C. V. Escrivências de uma discente: vivências como mediadora no Museu de Anatomia “Por dentro do Corpo” da UFRJ. Monografia. UFRJ, Rio de Janeiro: 2020.
- CARVALHO, L. R.; UZIEL, D. Museu de Anatomia UFRJ: hoje uma realidade! SINTAE, 2018.
- MARANDINO, M. Educação em museus: a mediação em foco. São Paulo: Geenf/FEUSP, 2008.

Visitas desenhadas: observar, entender e criar

Joyce Kelly de Almeida Mendes (UFC) - Joycekelly55@alu.ufc.br
Aline Teresinha Basso (UFC) - alinebasso@ufc.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência de arte-educação no Museu de Arte da UFC (Mauc), no contexto do Programa de Extensão Desenhando no Museu. Este consiste em um amplo programa de aprendizagem em desenho oferecido pelo e no Museu de Arte da UFC, no qual são ofertadas formações consistentes nos mais diversos níveis da prática, desde o aprendizado inicial, passando por práticas avançadas, sessões livres de desenho (modelo vivo, visitas desenhadas e urbansketching) até o desenvolvimento de poéticas artísticas em desenho.

A atividade das Visitas Desenhadas foi inspirada pelas visitas mediadas, que ocorrem diariamente no Mauc, e baseia-se na Abordagem Triangular da arte-educação de Ana Mae Barbosa, que consiste em três princípios básicos: ver as obras, contextualizá-las e a partir disso fazer arte, criando algo inspirado no que foi visto (BARBOSA, 1989). Tendo em vista que o desenho é “um acto investigativo da realidade através do olhar” (RODRIGUES, 2003, p.9), a ideia de desenhar no contexto de uma visita mediada torna-se também um ato de produzir reflexão e conhecimento, tendo o desenho um “papel de mediador da experiência estética” (BASSO, ROCHA, 2023, p.64). Esta atividade foi implementada no Mauc no ano de 2023, mas só foi consolidada no ano de 2024. A proposta é promover a aproximação do público com as exposições de longa e curta duração, através da prática do desenho, fomentando o olhar crítico e a criatividade dos participantes. Neste sentido, os principais objetivos desta atividade são: fixar o conteúdo e a relevância das obras através do desenho, resgatar a prática do desenho para o cotidiano dos participantes e instigar a reflexão e a conexão deles com as obras e os artistas de cada exposição. Neste trabalho apresentaremos e discutiremos os resultados das visitas desenhadas realizadas entre os meses de agosto e dezembro de 2024.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada nas visitas é baseada na “Abordagem triangular”, de Ana Mae Barbosa, que se estrutura em três pilares: leitura de imagens, contextualização e o fazer artístico, porém, adequando-se ao contexto das visitas desenhadas. A ação tem início com a escolha de uma exposição, que pode ser de longa ou curta duração, e de qualquer natureza. É feito um planejamento de como a sessão será conduzida e quais as propostas de prática que serão apresentadas ao grupo, em função das características de cada exposição. Na visita, os participantes são convidados inicialmente a observarem as obras, tendo a seguir uma mediação em que são contextualizados o tipo de arte, técnica, contexto histórico, vida e obra do artista. Todas as etapas são abertas à reflexão e ao debate. Por fim, a etapa do desenho é baseada nas percepções da exposição, na qual os participantes são convidados a produzirem arte. No caso das visitas aqui relatadas, como estratégia de mediação a etapa do desenho foi dividida em dois momentos: um primeiro, com a prática de desenhos de observação e um segundo momento com a prática de desenhos criativos com base no tema e técnica da exposição. Os materiais de desenho são trazidos por cada participante, em função de suas habilidades e preferências, mas em geral são materiais secos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenhar é uma das inúmeras formas possíveis de interpretar o mundo, traduzi-lo e ressignificá-lo. Com base nisso, nota-se a importância desta prática e de inseri-la no museu, utilizando o desenho como forma de conhecer e pertencer a este espaço. As visitas desenhadas proporcionam um contato mais crítico do público com as obras, permitindo que elaborem os seus conteúdos através do desenho. No total, foram realizadas oito visitas. As duas primeiras, de exposições temporárias presentes no museu no segundo semestre de 2024: “Entre linhas e agulhas, rendas que contam a história do Ceará” e “Sertão Galvão: polinizando com arte...”. A seguir, foram realizadas nas exposições permanentes com obras dos artistas Aldemir Martins, Descartes Gadelha, Raimundo Cela, Antônio Bandeira e Chico da Silva, respectivamente, além da última visita deste mesmo ano feita em todo o percurso do museu, dando ênfase à sala de cultura popular. Durante as primeiras duas visitas, nas exposições temporárias, os participantes tiveram a experiência de ver e sentir as obras, principalmente na exposição das rendas, ouviram sobre a história, produção e importância daquelas exposições, e por último, produziram dois tipos de desenho, o primeiro de observação, e o segundo, desenho criativo com base em cada tema. Nas etapas de ver e contextualizar, notou-se que os participantes tinham

interesse nas obras, mas somente com a etapa do desenho de observação houve uma maior interação entre o grupo, havendo uma troca de conhecimentos e relatos sobre como a arte presente no museu influenciava no seu cotidiano e trajetória pessoal. Cada um mostrou sua percepção sobre os temas a cada visita, revelando o desenho como um espaço para socialização e aprendizado. Por outro lado, ao introduzir os participantes às visitas nas exposições de longa duração, foi dada ênfase em dois pontos principais: a contextualização da vida e obra de cada artista e como o estilo utilizado por cada artista é relevante e influenciou os artistas de sua época, bem como influencia os artistas do presente. Notou-se que na etapa de criação houve forte influência da contextualização, o que evidenciou a importância de todas as etapas, funcionando como pilares essenciais para as visitas desenhadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, as visitas desenhadas demonstraram que desenhar não só aprofundou o engajamento dos participantes, mas também promoveu a socialização e o aprendizado, permitindo que a arte se relacionasse com suas vidas. A contextualização dos artistas e suas obras foi fundamental, mostrando que todas as etapas de uma visita desenhada são essenciais para uma experiência significativa de conhecimento e pertencimento cultural. Além disso, conclui-se que esta atividade, além de oferecer aos participantes um momento de lazer e conhecimento, promove ao mediador a oportunidade de aprender mais sobre o espaço cultural que media e aperfeiçoar suas habilidades na prática do desenho. É um contributo à sociedade, que se beneficia do espaço e acolhimento promovidos pelo museu de arte da UFC.

PALAVRAS-CHAVE

Arte-educação, museus, visita mediada, desenho.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Pró-Reitoria de Extensão da UFC (PREX) pela bolsa de extensão.

REFERÊNCIAS

BASSO, Aline Teresinha; ROCHA, Saulo Moreno. Programa de extensão “Desenhando no Museu”: perspectivas para a formação em desenho no museu de arte da UFC (Mauc). In: ANDRADE, Francisco Ari de, et. al. (orgs.). Educação e Educações: unidade na multiplicidade. Curitiba: CRV, 2023.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira. O que é Desenho. Lisboa: Quimera Editores, 2003

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação em um museu de arte. Revista USP, São Paulo, n. 2, p. 125-132, 1989. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25467>>. Acesso em: 22 agosto. 2024.

Na Trilha do Patrimônio – Memória e Pertencimento

Claudia Porcellis Aristimunha (UFRGS) – aristimunha@museu.ufrgs.br
Celso Alegransi (UFRGS) – celso.alégransi@museu.ufrgs.br

INTRODUÇÃO

Habitar as cidades segundo Alves (2019), envolve vários conceitos, subjetividades e afetividades tanto no habitar quanto no caminhar. O ato de caminhar como estratégia metodológica para compreender e analisar o espaço urbano tem sido usado em vários projetos tanto de estímulo à caminhada quanto com o intuito de apropriação da história e da memória. Adotamos o conceito de “deriva” ou “flanar” como um processo, como uma forma de “habitar caminhando” que o autor apresenta.

O projeto Visita Guiada – Na Trilha do Patrimônio nasce de um desejo de continuar uma atividade anterior oferecida pelo Museu da UFRGS chamado Visita Teatralizada e que não está mais ocorrendo por diferentes fatores. O Projeto, com outra metodologia e sem a participação de alunos do curso de Artes Cênicas, conta agora com a presença de dois servidores técnicos, ambos com formação em História, sendo um deles também Guia Turístico.

Na Trilha do Patrimônio, apresenta a trajetória da Universidade e sua relação com o desenvolvimento da cidade de Porto Alegre por meio de caminhadas contemplativas pelos quarteirões do campus central, destacando tanto aspectos estéticos do patrimônio edificado (tangível), quanto à diversidade dos sujeitos envolvidos na construção desse patrimônio, seja o trabalhador/a que atuou na construção das edificações históricas, seja pelo destaque de personalidades que realizaram sua formação acadêmica na UFRGS (intangível). Outro aspecto relevante a ser abordado são as histórias que dão vida ao cotidiano da Universidade.

A ação proporciona aos participantes apropriar-se do patrimônio material e imaterial da Universidade, reforçando laços de identidade e pertencimento, à medida que tomam conhecimento da história da Universidade e sua importância para o desenvolvimento da cidade e do país. Além disso, objetiva consolidar os campi da Universidade como patrimônio cultural. Por último, introduz aspectos arquitetônicos e de contexto mundial e local sobre o desenvolvimento urbano da cidade.

Portanto, o projeto além da preocupação com a valorização e democratização do patrimônio, investe na ideia de que a cidade é uma forma de linguagem onde imaginários se constroem e se expressam: “Arquitetura é a cena fixa das vicissitudes do homem (sic), carregada de sentimento de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de fatos novos e antigos” (ROSSI, 2001, p.03).

MATERIAIS E MÉTODOS

Após extensa pesquisa, leituras e discussões, elaboramos o projeto, a metodologia e abordagens. Quanto solidificado, decidiu-se pela inscrição como capacitação na Escola de Desenvolvimento da UFRGS proporcionando aos servidores docentes e técnicos a possibilidade de participar contabilizando pontuação para os níveis da carreira. Contudo, as edições são abertas para inscrição de público externo.

Apropriados da história da UFRGS como um todo e dos detalhes de cada prédio e cursos da UFRGS, bem como do contexto e conjuntura histórica de cada época, foi elaborado um material visual com fotos e breve histórico de cada um dos prédios dos quarteirões centrais da Universidade.

O método utilizado para a realização do projeto constitui-se de:

1 - momento de exposição dialogada com imagens da UFRGS desde suas primeiras formações como Cursos Livres até a atual composição edificada, abordando a história do Ensino Superior no Rio Grande do Sul e da Universidade e sua expansão no contexto de desenvolvimento do país e do mundo. Nesse momento há um estímulo à participação do público com suas memórias e vivências;

2 – Caminhada orientada com roteiro previamente pensado que percorre em cada edição um dos dois quarteirões. Nessa etapa, são retomados alguns aspectos apresentados na parte expositiva, comparando a paisagem atual com a identificada presencialmente, bem como aspectos arquitetônicos específicos. O percurso usa o método de caminhada contemplativa, sem recorte cronológico e conversa com o público à medida que a caminhada for sendo realizada. Nesse momento, também é possível abordar questões de gênero e educação, profissões e mudanças no cenário urbano;

3 – A finalização ocorre na frente do Museu da UFRGS, quando indicamos e convidamos para participação das próximas edições e para a visita às exposições em cartaz além de uma breve avaliação por parte dos participantes.

Durante o percurso, paramos para observações dos detalhes dos prédios, em alguns é possível visitar seu interior e também estimulamos as fotos coletivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As edições já realizadas retornaram avaliações bastante positivas e algumas com conteúdo afetivo em relação às memórias e vivências pregressas dos públicos. Hoje temos um terceiro e quarto roteiros. O terceiro roteiro percorre do Centro da Cidade, onde começaram os cursos livres e um cenário caracterizado por ser ambiente do início da qualificação da Educação no Estado do RS e que culmina no quarteirão inicial da UFRGS. O quarto percorre os espaços culturais existentes no quarteirão II da Universidade.

Cabe ressaltar que após a primeira edição juntaram-se ao projeto do Museu da UFRGS o Setor de Patrimônio Histórico (responsável pela captação para restauro, adaptação e manutenção dos prédios históricos da UFRGS), o Museu do Observatório Astronômico e, mais recentemente, o Centro Cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa experiência tem atendido aos objetivos estabelecidos, ampliando nossa abrangência. A participação do público externo nas caminhadas tem aproximado a sociedade da Universidade.

Então, caminhar, está intimamente ligado ao conceito de “Habitar” que significa viver o lugar dando-lhe significação e estabelecendo vínculo entre espaço/indivíduo. Contrapondo-se, inclusive, ao conceito de Tempo que a pós-modernidade adota, onde o mesmo passa a ser medido pela capacidade de produzir capital, já que o projeto visa andar devagar, contemplar. Em nossa perspectiva, acreditamos que seja até uma subversão, uma rebeldia, um ato político de ir e vir, ocupando a cidade e observando as coisas e as pessoas.

Nossa intenção ao fim e ao cabo é além da educação patrimonial pela apropriação e pertencimento, fazê-lo abrangendo também as subjetividades humanas e reconhecendo as como parte importante da História e do Patrimônio Cultural.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio Cultural. Caminhadas. Memória. Pertencimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lahys Barros e MONTE, Luiz. Vivenciando paisagens e lugares: O caminhar como a arte de habitar a cidade. In: Imaginário: Construir e Habitar a Terra - ICHT 2019, São Paulo, 2019. <https://sites.usp.br/icht2019/wp-content/uploads/sites/416/2019/07/Vivenciando-paisagens-e-lugares-O-caminhar-como-a-arte-de-habitar-a-cidade-.pdf> Acesso: abril/2024.

ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 2001.

Imaginários sobre animais peçonhentos de jovens de comunidades rurais na Bahia: A experiência de ações educativas de um Museu Universitário Itinerante

Maria Cilene Freire de Menezes (UNIVASF) - cilene.menezes@univasf.edu.br

Paula Campelo Barbosa (UFBA) - paulacambarbosa@ufba.br

Rejâne Maria Lira-da-Silva (UFBA) - rejane@ufba.br

INTRODUÇÃO

Comunicar sobre os animais peçonhentos é salvar vidas (Lira-da-Silva et al., 2019). Esses animais possuem larga distribuição geográfica (trópicos), atingindo as populações mais vulneráveis, com acesso limitado às informações de controle, prevenção e tratamento com soros antivenenos. O grande número de acidentes e a complexidade do quadro clínico decorrente tornou os envenenamentos uma questão de saúde pública global. Em 2024, foram registrados pelo Ministério da Saúde, 334.561 acidentes e 460 óbitos no Brasil, a maioria por escorpiões (n=196.575, 58,76%), aranhas (n=43.532, 13,01%), abelhas (n=33.963, 10,15%) e serpentes (n=31.464, 9,41%), sendo o escorpionismo o mais letal (n=133, 28,91%)^[1]. Em Iraquara (Bahia) registrou-se 207 acidentes, a maioria por escorpiões (n=185, 89,37%) e 2 óbitos, 1 (escorpião) e 1 (abelhas)^[2]. Está expressa a vulnerabilidade dessas comunidades, o sofrimento e mortes prematuras evitáveis no Brasil. Por isso, em 2019, a OMS apontou a educação como parte fundamental para a estratégia de controle na redução desse problema, através do engajamento das comunidades de maior risco (Oliveira et al. 2023). Assim, é compreensível a visão negativa das pessoas sobre os animais peçonhentos, considerando-os “vilões” da natureza” e tornando invisível sua importância para o equilíbrio dos ecossistemas. O Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia da Universidade Federal da Bahia (NOAP/UFBA) é um museu de ciências, universitário e itinerante que desde a sua criação (1987) assumiu o compromisso da comunicação pública sobre animais peçonhentos, construindo, ampliando e ressignificando o seu processo de musealização, através de diferentes atividades educativas para públicos distintos,

^[1] <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinannet/cnv/animaisbr.def>. Acesso em 25/05/2025.

^[2] <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinannet/cnv/animaisbr.def>. Acesso em 25/05/2025.

especialistas e não-especialistas (Lira-da-Silva et al., 2019). Nosso objetivo é relatar a experiência do diálogo sobre animais peçonhentos, com vistas à reflexão e ressignificação do imaginário de estudantes de duas comunidades rurais da Chapada Diamantina, no âmbito de suas escolas, tendo como referencial teórico a Educação Museal (Brasil, 2018; 2021), através do acervo museológico do NOAP/UFBA.

MATERIAIS E MÉTODOS

A Exposição Os Bichos do Museu vão às Comunidades – Ciência Móvel, ocorreu em 25 e 26/04/2025, uma parceria entre o NOAP/UFBA e as Escolas Municipais Julião de Souza Braga (Lagoa Seca) e Artemízia Rodrigues Nogueira (Santa Rita), comunidades rurais de Iraquara (Bahia). As ações educativas foram conduzidas no âmbito do componente curricular que integra a extensão na graduação e pós-graduação da UFBA, a Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade – Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica (ACCS BIOA2), semestre 2025.1. Participaram 25 pessoas, 7 estudantes de graduação de cursos diversos e 1 estudante de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS), matriculados na disciplina; 3 professoras; 1 monitora; 6 estudantes de graduação colaboradores; e 7 estagiários do NOAP/UFBA. O processo produtivo da Exposição ocorreu através das ações educativas da Rede de Zoologia Educativa - REDEZOO (Lira-da-Silva et al., 2019)^[3] e do Modelo Teórico da utilização dos Museus para fins educativos de Allard e Larouche (1999 apud Allard & Lefebvre 2001), tendo o NOAP/UFBA como o meio/instituição museológica, os animais peçonhentos como o objeto/temática, os/as mediadores/as como os agentes (estagiários do NOAP/UFBA) e o público visitante como sujeito, estabelecendo-se as relações didáticas, de ensino e de aprendizado. Atendemos aos aspectos éticos pois as diretoras das escolas assinaram o Termo de Uso de Imagem e Voz dos estudantes, depositados na Coleção do SisGen/MMA - Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (nº. CE80A1F). O NOAP/UFBA possui um Criadouro Científico de Serpentes Nativas e

^[3] A REDEZOO é um conjunto de ações educativas sobre animais peçonhentos, cujo acervo museológico inclui: Zooteca (jogos didáticos); Zoologia Viva (coleção viva de serpentes, aranhas e escorpiões em dioramas para garantir o bem-estar dos animais); Zookits (experimentos e kits zoológicos com peças anatômicas, mudas, chocalhos, esqueletos, crânios, peles e espécimes conservados em via seca e via úmida que o visitante pode manipular com luvas e lupas; REDEZOO em Cena (teatro de fantoches); Zooamigos (atividades lúdicas diversas); e Zoorede (produtos audiovisuais nas nossas redes sociais) (Lira-da-Silva et al., 2019; Lira-da-Silva et al., 2022).

Exóticas cadastrado no SISFAUNA/IBAMA (nº. CTF 23227); o Serpentário/Aracnidário são cadastrados como Biotério no CIUCA - Cadastro das Instituições de Uso Científico de Animais MCTI, por intermédio da UFBA, em atendimento às normas da ANVISA, exigidas pelo CONCEA – Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal/MCTI e no SisGen/MMA (nº. CDAA308), onde está cadastrada a Coleção Didática (nº. C28BF10).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição foi dialogada com cerca de 300 crianças/adolescentes das duas escolas (Educação Infantil ao Ensino Fundamental II) e a comunidade, cerca de 200 sujeitos, especialmente de Santa Rita. Durante as ações educativas, o público pôde dialogar com os mediadores sobre os animais peçonhentos através da REDEZOO em Cena; Zoologia Viva (animais vivos em dioramas e a experiência do “mão-na-cobra”); Zookits; Zooteca; Zooamigos e Zoorede (Figura 1). Os jovens puderam interagir, refletir e ressignificar seus imaginários sobre esses animais de forma espontânea, considerando que educar em um museu é cativar, interessar, compartilhar, comunicar, proporcionar descobertas, experimentações, encontros, o próprio gosto pelo conhecimento, pelo contato entre pessoas, povos e culturas (Castro, 2024), e ainda assim ser desafio. O encantamento foi observado nas relações pedagógicas observadas, através do comportamento/perguntas das crianças na produção da Série de Vídeo Reações^[4] do Podcast Língua de Cobra^[5]: É de verdade? Pode tocar? Já tem cobra extinta?; Como as cobras chocam os ovos?; Como tira o veneno das cobras?; Também quero saber como alimenta as cobras?; Por que as cobras têm dente grande e outras têm dente pequeno?; Qual o escorpião que tem mais veneno, o amarelo ou o preto?; O que é que o escorpião come?; O que as aranhas comem?; Como é que vocês pegaram as aranhas que estão na exposição?, etc., já discutidas em pesquisas anteriores (Lira-da-Silva et al., 2019; Lira-da-Silva et al., 2022; Oliveira et al., 2023).

^[4] Reações – Produção audiosisual sobre as reações dos visitantes durante a visita à Exposição.

^[5] Podcast Língua de Cobra – Produção através de entrevistas espontâneas da comunidade que tenha interesse em fazer perguntas sobre animais peçonhentos a serem respondidas pelos especialistas do NOAP/UFBA e divulgadas em <https://open.spotify.com/show/1fP3g0jwtpBmlZtq6w36mz?si=32b826dfbdd540a5>.



Figura 1. Exposição Os Bichos do Museu vão às Comunidades – Ciência Móvel, 25-26/04/2025, comunidades rurais de Iraquara, BA. Fonte: Acervo NOAP/UFBA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens tornaram-se protagonistas, narrando suas percepções e ressignificando-se junto à mediação do NOAP/UFBA, que encarou o desafio de tornar-se o museu capaz de articular-se com a comunidade rural, locus do diálogo intercultural e cocriação e narrativas científicas.

PALAVRAS-CHAVE

Divulgação Científica. Museologia. Patrimônio Natural.

AGRADECIMENTOS

CNPq; Secretaria de Turismo de Iraquara e Comunidade rural Santa Rita.

REFERÊNCIAS

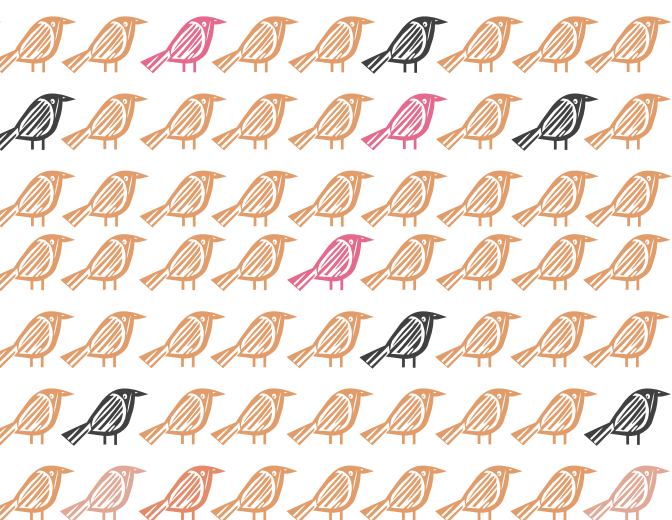
- ALLARD, M.; LAROUCHE, H. L'éducation muséale à la croisée des chemins. In: LEFEBVRE, B. (Org.). La formation en muséologie et en éducation muséale à travers le monde. Canada: Ed. Multimondes, p. 157-173. 2001.
- BRASIL, Ministério da Cultura. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília: Minc/Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). 2018.

CASTRO, F. Prólogo (ou como se emocionar antes mesmo de ler esse livro). In: SILVA, M.A.; COSTA, A.F (Eds.). História da educação museal no Brasil: ICOM-CECA, p. 11-15. 2024.

LIRA-DA-SILVA, J.R.; ALMEIDA, R.O.; LIRA-DA-SILVA, R.M. Educação museal e mediação do Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Rev. CPC, São Paulo, v.17, n. 33 especial, p.341-365, jan./ago. 2022.

LIRA-DA-SILVA, R. M.; LIRA-DA-SILVA, J.R.; MISE, Y.F.; BRAZIL, T.K. Educando sobre animais peçonhentos e salvando vidas: A importância de um museu temático. Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – Unirio, MAST, vol.12, n.1, p. 139-152, 2019.

OLIVEIRA, M.A.S.; SEBASTIÃO, M.R.; LIRA-DA-SILVA R.M. Educomunicação para divulgar as inovações da Ciência Brasileira sobre animais peçonhentos. In: SOARES, O.O.; VIANA C.E.; ALMEIDA, L.B.C.; ALMEIDA. R.M.V. Educomunicação e Educação Midiática nas Práticas Sociais e Tecnológicas pelos Direitos Humanos e Direitos da Terra. São Paulo: ABPEducom, p. 507-5272. 2023.



SALA 10 **MEMÓRIA E HISTÓRIA DO** **PATRIMÔNIO**

Mediador
Jones da Silva Gomes (UFPA)

Avaliadora dos trabalhos indicados à premiação
Bruna Marina Portela (UFPR)

1º Trabalho

Tema: Museu de cultura popular caminhos percorridos

Autora: Franciane Lúcia da Silva Zimmermann Instituição: UFJF

A autora começa relatando as transformações do Museu do Folclore de Juiz de Fora, destacando a figura do professor Wilson de Lima Bastos 1962, que em homenagem ao folclorista Lindolfo Gomes transferiu-o em 1975 para o Fórum de Cultura Juiz de Fora, que depois vem a compor o acervo da exposição permanente em 1987, organizado pelo professor Antônio Wetzel IFJF (Minas Gerais), tendo Iemanjá como a primeira peça. A autora relata que a passagem de Museu do Folclore para Museu de Cultura Popular, levou-a nesta pesquisa a uma questão interpretativa sobre a perspectiva de utilização do acervo e apontou para questões mais abrangentes, tais como, a necessidade de mais pesquisas e investimentos no campo da museologia, já que se trata de um acervo com mais de 3 mil peças, contribuindo assim para sua ampliação. Sua pesquisa qualitativa foi de natureza exploratória, ocasião em que expôs fotos de algumas exposições, apresentando dificuldades existentes por ausência de funcionários, apontando também a necessidade de dialogar com novas formas de pensar o museu além de expositor, com práticas educativas, ensinando patrimônio cultural de forma lúdica. Hoje, o Museu conta com exposição de brinquedos populares, presépios da tradição natalina, festa junina, atendendo também de o público infantil, com contação de história e gravuras. Ensinando novas práticas de mediação, como contação de história e ciranda, apresentação de documentário e roda de conversa. Aprendizado significativo com a cultura popular. Entrada nas redes digitais, por conta da pandemia, realizando exposições virtuais. Apresentou plano museológico em desenvolvimento. Melhorias no acondicionamento do acervo, com visitas técnicas. Difusão do acervo, plataforma Tainacan.

2º Trabalho

Tema: Sociogênese do campo museal na Universidade Federal da Bahia

Autora: Amélia Pereira Costa

A autora apresenta questões colocadas em sua pesquisa de Doutorado que questiona a fragmentação da memória por parte da próprio desenvolvimento do campo museal na Bahia, o IGHD – 1917 – Inspetoria estadual 1927 – IPHAN- Museu de arte sacra 1959, Curso de Museologia 1969 – Rodrigo Melo Franco de Andrade, MAFRO e MAE 1982 , apontando para o fato de que o campo museal (conceito cunhado em sintonia com a teoria de Bourdieu) deva possibilitar a integração dessas instituições, contribuindo para construção das memórias das relações entre estas

ações, que segundo ela, são apagadas por estarem desconectadas. A autora destacou as dificuldades junto a um projeto de memória das elites locais idealizado pela elite, ressaltando a possibilidade de se construir um quadro integral

3º Trabalho

Tema: Museus e colecionismo: formação do acervo do museu de arte Leopoldo gotuzzo

Autora: Joana Soster lizott

A autora apresentou sua pesquisa que aborda práticas de colecionar, políticas de aquisição e descarte, museus de arte e museus universitários, fazendo um mergulho na história do museu de arte Leopoldo Gotuzzo a partir do inventário produzido no ano 2014, o trabalho se debruça sobre a história do MAL (PELOTAS). Gotuzzo foi pintor, sendo que o referido Museu guarda algumas de suas obras e coleções tendo, por isso, relação com a antiga escola de belas artes de Pelotas, sendo que o Museu é inaugurado apenas em 1986. A pesquisa também tem o teor de registrar as coleções privadas e formadas no museu, o acervo contém obras da escola de belas artes e obras de artistas contemporâneos. Suas análise também percorreram organização dos arquivos institucionais, levantamento de dados, formas de aquisição, quantificação e as exposições registradas, além de localização e restauros de obras, planejamentos, relatórios e documentações. Retomando o panorama da história do museu, relata seus valores e significados e sua responsabilidade com a pluralidade da sociedade e com as trajetórias de lutas, conquistas e retrocessos constituídos na instituição em função de sua existência.

Momento de debate

Comentário do avaliador e mediador da sala. Realizou perguntas para as primeiras participantes.

a) Como que as coleções atraem os artistas locais e de que maneira suas obras estão representadas no acervo do Museu, b) Como você coloca o conceito de campo na análise da fragmentação das ações voltadas ao patrimônio na UFBA? C) Qual o impacto dessas coleções privadas na perspectiva do teu trabalho? Chegou na tua pesquisa a compreender o perfil do Museu idealizado pelo artista Gotuzzo, construção da memória?

1ª pergunta - público

1ª Bruna - pergunta dirigida a Franciane e Amélia. Sobre o início do museu do folclore e sobre redes de transições de obras.

2ª Otávio - pergunta dirigida a Franciane sobre práticas educativas e descentralizar as ações para fora do museu.

4º Trabalho

Tema: Pátio da ciência

Autor: Carlos Augusto Ribeiro Jotta

Segundo o autor o Pátio de Ciência da UFC é um projeto de 2009, que se destina ao mapeamento e divulgação das coleções oriundas do Instituto de Física da UFC, já que a universidade não possuía documentação inventariada, sobretudo, das coleções que contam a história da ciência (já que parte considerável do acervo curiosamente vieram da URSS na década de 1960). Apesar dos problemas oriundos da ausência de corpo de funcionários e a dificuldade das universidades lhe darem com sua memória. O Pátio trabalha com divulgação, registro material, difusão tecnológica e atividades científicas, além de construção de registro de memória dos equipamentos do curso de física. Projeto de pesquisa também é administrado por bolsistas que utilizando a metodologia de levantamento de dados, revisão literária a fim de entender por que o comitê de física não desenvolveu documentos para realizar a memória das coleções. Entretanto, relata que paulatinamente os bolsistas foram moldando a pesquisa para a memória da ciência proporcionando interação do visitante, sendo que são mais de 2.000,00 visitantes por mês.

5º Trabalho

Tema: Artefatos inventariados da coleção histórica do museu de história natural da Bahia (2015-2025)

Autora: Prof. Dra. Rejane Maria Lira-da-Silva

A autora apresenta a história da criação do museu natural da Universidade da Bahia, apresentando uma linha cronológica e suas realizações como espaços museológicos. O Museu de história Natural da Bahia 1943- Professor Pedro Araújo – do curso de Biologia iniciou 1993, Professora Tania Brasil Coleção histórica em 2015 (UFBA) – Recolha o mobiliário que dá origem a coleção de memória da coleção de biologia, que são parte da história da ciência. Por sua vez, expôs o objetivo do trabalho, que seria alargar a discussão sobre acervo organizado pelo museu natural, mapeando e catalogando os artefatos e mostrando suas trajetórias também. Também explica os regimes de registro, reserva e documentação, apresentando os resultados e discussão da documentação, as fases e os níveis dos itens do acervos. Considera importante alargar a discussão da coleção do museu, já muitos artefatos estão sem tombo, bem como, explorar melhor os aspectos singulares e genéricos das estufas que dialoga com as ciências.

2º momento de debate

Comentário do avaliador e mediador da sala, seguido de respostas dos autores
Fala final do mediador, agradecimento e encerramento.



Apresentações de comunicação oral, na sala 10 pela tarde, sobre Memória e História do Patrimônio - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 10 pela tarde, sobre Memória e História do Patrimônio - Fotógrafo: Flávio Almeida

INTRODUÇÃO

O Museu de Cultura Popular da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) tem sua origem na obra do professor Wilson de Lima Bastos, criador do Centro de Estudos Sociológicos, em 1962. Neste Centro, foi fundado o Departamento de Folclore, que criou o Museu do Folclore em 12 de março de 1965. Em agosto de 1987, o acervo foi doado à UFJF e renomeado, no final dos anos 1990, como Museu de Cultura Popular. Com mais de três mil peças, seu acervo inclui estatuárias, objetos de religiosidade, brinquedos populares e artefatos de culturas diversas. Além de preservar a memória da cultura popular brasileira, o museu se consolidou como espaço de mediação cultural e educação patrimonial. Esta pesquisa investiga o histórico institucional, os desafios enfrentados por um museu universitário e as práticas inovadoras desenvolvidas por sua equipe, com foco em ações de aproximação com o público, reinvenção digital durante a pandemia de COVID-19 e a elaboração, em curso, do plano museológico como ferramenta de gestão estratégica.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, fundamentada em análise documental e observação indireta. Foram utilizados como fontes: documentos institucionais, artigos acadêmicos, matérias jornalísticas, registros fotográficos e publicações em redes sociais. A seleção dessas fontes considerou sua relevância temporal e temática, especialmente nos períodos de transição de gestão e reformulação de práticas museológicas. A análise foi orientada por referenciais da museologia crítica e social, especialmente autores como Mário Chagas e Waldisa Rússio, com ênfase na construção de significados em torno do patrimônio e na função estratégica dos museus universitários. A elaboração do plano museológico, em desenvolvimento, é abordada como instrumento de planejamento e alinhamento institucional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados revelam um percurso marcado por transformações conceituais e operacionais, com a adoção de práticas educativas, curadorias participativas e fortalecimento das ações de comunicação digital. Destaca-se a intensificação do uso de redes sociais durante a pandemia como estratégia de ampliação de público e valorização do acervo, promovendo novas formas de interação e pertencimento. A construção do plano museológico aparece como movimento estruturante, integrando ações cotidianas a diretrizes institucionais de médio e longo prazo. Nesse contexto, merece destaque a recente aquisição de estantes deslizantes, ainda em fase de planejamento e definição do local de acondicionamento, viabilizada por meio do projeto “Preservação, Virtualização e Propagação dos Acervos Histórico-Culturais da UFJF”, contemplado por edital da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Elaborado de forma colaborativa entre os museus e acervos da UFJF, o projeto visa melhorar as condições de conservação, digitalização e difusão do patrimônio institucional. No âmbito desse projeto, a alimentação da plataforma Tainacan configura-se como contrapartida institucional, voltada à disponibilização pública e qualificada dos acervos. Para o Museu de Cultura Popular, essas ações representam não apenas avanços na preservação física, mas também a ampliação do acesso digital, alinhando-se às práticas contemporâneas de gestão museológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias de gestão e mediação implementadas pelo Museu de Cultura Popular evidenciam sua relevância como agente de preservação da memória e promotor de cidadania cultural. A elaboração do plano museológico representa um marco no processo de institucionalização, contribuindo para consolidar práticas integradas de planejamento, avaliação e participação social. Suas experiências inovadoras, especialmente nas áreas de comunicação digital e educação museal, podem servir de referência para outras instituições comprometidas com a valorização da cultura popular e com a democratização do acesso ao patrimônio.

PALAVRAS-CHAVE

Museu de Cultura Popular; museu universitário; plano museológico; mediação cultural; inovação.

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui a minha gratidão a toda a equipe da Pró-Reitoria de Cultura da UFJF, pelo apoio e pelas oportunidades proporcionadas; à diretora do Forum da Cultura da UFJF, profª Drª Marise Mendes, por toda confiança, incentivo e motivação na jornada; à equipe (amigos) de ontem e de hoje, pela partilha, determinação e persistência no dia-a-dia. É graças a vocês que tudo isso faz sentido.

REFERÊNCIAS

- CHAGAS, Mario; GOUVEIA, Inês. Museologia Social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). Cadernos do CEOM, Chapecó-SC, n. 27, v. 41, 2014. pp.9-22. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168>.
- COLEÇÕES CONTAM HISTÓRIA. UFJF em notícias, Juiz de Fora, 12 de agosto de 1988, Ano VII, nº 76, p.8.
- DOCUMENTA – Forum da Cultura. Universidade Federal de Juiz de Fora. Forum da Cultura/ Imagem Institucional da UFJF/ FACOM. Juiz de Fora, 2000.
- MUSEU DO FOLCLORE QUER AUMENTAR ACERVO. UFJF HOJE, Juiz de Fora, 10 de julho de 1990, nº 213.
- RÚSSIO, Waldisa. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e preservação. Cadernos Museológicos, Rio de Janeiro, n. 3, p. 7-12, 1990
- UMA ESCOLA VIVA DE CULTURA POPULAR. UFJF em notícias, Juiz de Fora, 12 de agosto de 1988, Ano VII, nº 76, p.38.
- ZIMMERMANN, Franciane Lúcia da Silva. Utilização do inventário para o planejamento e na gestão do Museu de Cultura Popular. Orientador: Marcos Olender. 2008. 120f. TCC (Especialização) – Pós-Graduação em Gestão do Patrimônio Cultural, Faculdade Metodista Granbery - FMG, Juiz de Fora, 2008.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga a formação do campo museal na Universidade Federal da Bahia (UFBA), compreendendo-o como produto político-social e buscando elucidar suas bases conceituais. Partindo da perspectiva de que a memória é uma construção social e seletiva (Halbwachs, 1990; Ricoeur, 2007), o estudo analisa a constituição do pensamento e da ação museal universitária para além de uma memória fragmentada.

Esta investigação alinha-se ao tema do 8º FPMU, "Coleções, Museus Universitários e Sociedade: elos entre Ciência, Cultura e Comunidade", ao propor uma reflexão sobre como o campo museal da UFBA se conectou com a sociedade baiana e a formação de seu patrimônio, inserido em um projeto político de construção de identidade regional.

A pesquisa busca destacar como instituições locais, como a Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais da Bahia e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), e agentes sociais como Godofredo Filho, Isaías Alves e José Valladares, somados ao contexto nacional de uma política emergente para o patrimônio, operacionalizada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), possibilitaram o surgimento desse campo na universidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa em desenvolvimento tem utilizando uma abordagem qualitativa, com ênfase em análise documental e revisão bibliográfica. A seleção e interpretação das fontes priorizam documentos que evidenciam interconexões entre as instituições museais da UFBA e a circulação de agentes sociais. Empregou-se análise de conteúdo para identificar narrativas explícitas, silêncios e lacunas historiográficas que revelam disputas pela memória institucional. Foram consultados documentos históricos, relatórios institucionais, publicações acadêmicas e periódicos, com foco no Museu de Arte Sacra (1959), Curso de Museologia (1969), Museu Afro-Brasileiro (1982) e Museu de Arqueologia e Etnologia (1983). Os arquivos institucionais consultados até o momento foram os pertencentes ao MAS, ao MAFRO e ao Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO).

O conceito de campo de Bourdieu (1989) é operacionalizado para compreender as relações de poder e disputas simbólicas na formação do campo museal da UFBA, correlacionando-o com outros campos (político, cultural, acadêmico) e a geopolítica local, regional e nacional. Isso envolve a identificação de agentes sociais, a análise de suas posições e relações, a investigação dos capitais mobilizados e o exame das disputas por definições legítimas sobre identidade baiana e patrimônio cultural. O levantamento sistemático da produção acadêmica relacionada ao tema e a contextualização histórica (IGHB, Inspecção, SPHAN) complementam a análise documental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação do campo museal na UFBA se revela um processo complexo, interligado a diversas instituições e agentes sociais em um contexto político-cultural dinâmico. A imaginação museal na universidade emergiu da busca por recuperação do protagonismo baiano no cenário nacional, em resposta ao declínio político-econômico do estado desde o século XIX. O século XX presenciou uma reinvenção cultural da Bahia, transformando-a no cenário nacional de ultrapassada à guardiã da cultura.

Essa transformação, não natural, resultou de esforços contínuos e controversos, gerando tensões entre visões da identidade baiana. Instituições como o IGHB e a Inspecção Estadual de Monumentos iniciaram um discurso de exaltação ao passado luso-brasileiro, buscando alinhar a identidade regional a ideais europeus. Posteriormente, o Museu do Estado da Bahia, sob direção de José Valladares, e a Diretoria Regional do SPHAN, coordenada por Godofredo Filho, tornaram-se arenas de disputa, oscilando entre visões mais inclusivas da cultura afro-brasileira e popular e a exaltação unilateral do legado europeu. (Mattos, 2014; Dócio, 2014).

O surgimento do campo museal na UFBA, com a criação do MAS, em 1959, está vinculado a essas disputas identitárias. Sua fundação, ligada aos debates sobre a preservação do patrimônio pós-demolição da Catedral da Sé, sinalizou a vitória de uma retórica identitária e respondeu a interesses político-discursivos. A institucionalização avançou com o Curso de Graduação em Museologia (1969), idealizado por Valentin Calderón e estabelecido na Faculdade de Filosofia, criada por Isaías Alves, refletindo as discussões sobre museus e educação e a articulação SPHAN-universidade.

O curso estabeleceu o MAS como laboratório e formou agentes como Graziela Ferreira Amorim, primeira diretora do MAFRO. A inauguração posterior do MAFRO

(1982) e do MAE (1983) refletiu continuidades e rupturas políticas, culturais e identitárias da Bahia. O MAFRO, por exemplo, demonstrou relações com a política externa da ditadura, voltada para a África, e a valorização da cultura negra na identidade baiana.

Essas inter-relações entre instituições e a circulação de agentes reforçam a ideia de um campo interconectado, constituído como parte de uma construção identitária baiana, onde visões sobre raça, cultura e tradição disputaram espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociogênese do campo museal na UFBA está intrinsecamente ligada ao contexto político-cultural baiano e aos processos de construção identitária do século XX. O surgimento das primeiras instituições museais universitárias não foi um processo isolado, mas parte de um movimento mais amplo de reinvenção cultural e busca por protagonismo nacional.

A Bahia transformou sua identidade no século XX, convertendo o que antes era percebido como atraso em valor cultural. (Romo, 2020). As instituições museais da UFBA emergiram nesse contexto de ressignificação, participando ativamente da construção de narrativas sobre a Bahia e seu lugar na nação. A UFBA desempenhou papel central na articulação de ações preservacionistas, sendo um espaço de formação intelectual e plataforma para a divulgação de ideais que consolidaram a importância do patrimônio baiano.

A compreensão dessa sociogênese oferece subsídios importantes para os desafios contemporâneos dessas instituições na valorização do patrimônio e no desenvolvimento social, estabelecendo elos entre ciência, cultura e comunidade. Esta pesquisa, em fase inicial, apresenta resultados preliminares. Seu avanço buscará elucidar as relações entre os campos que conformaram o campo museal universitário, explorando as redes de atuação profissional que conectaram instituições; e decifrar as bases conceituais de sua formação. A investigação aprofundada permitirá compreender quais fatos e disputas contribuíram para moldar as instituições museais da UFBA e, por conseguinte, o pensamento museal regional e nacional.

PALAVRAS-CHAVE

Campo Museal. Universidade Federal da Bahia. Museus universitários. Patrimônio Cultural.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- DÓCIO, Vanessa de Almeida. Sob o signo da pedra e cal: trajetória da política de preservação do patrimônio histórico e arquitetônico no estado da Bahia (1927 – 1967). Orientadora: Suely Moraes Cerávolo. 2014. 171 f.: il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- MATTOS, Ana Teresa Góis Soares de. Nem português nem mineiro... baiano e nacional, com todo respeito: a atuação da Bahia na construção do campo do patrimônio brasileiro. Orientadora: Márcia Regina Romeiro Chuva. 2014. 145 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007.
- ROMO, Anadelia A. O museu vivo da Bahia: raça, reforma e tradição. Salvador: EDUFBA, 2020.

Museus e colecionismo: formação do acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (Pelotas/RS)

Joana Soster Lizott (UFPel) joanalizott@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, discutem-se algumas das relações entre museus universitários e coleções, a partir do caso do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG). As discussões apresentadas fazem parte de pesquisa de mestrado da autora^[1], que teve por objeto as coleções do referido Museu. Na ocasião, buscou-se a história das coleções do Museu, procurando identificar a dimensão simbólica do acervo e relacionando a história institucional com o contexto local da cidade de Pelotas, desde o final do século XIX até o início do século XXI.

O MALG é um museu universitário de arte, órgão suplementar do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Abre ao público em 1986, em homenagem ao pintor pelotense Leopoldo Gotuzzo^[2], falecido poucos anos antes. É inaugurado com conjuntos de obras de arte, parte delas legadas pelo seu patrono na década de 1980, outras incorporadas da então extinta Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA) a partir dos anos 1950, e algumas adquiridas pela própria Universidade. Posteriormente, o MALG desenvolveu seus mecanismos de seleção e incorporando outras obras ao seu acervo. Essa configuração foi definindo a divisão do acervo em coleções, que referenciam principalmente a procedência de cada conjunto de obras (SCHWONKE, 2018; MAGALHÃES, 2012; LACERDA, 2015).

Durante o processo de inventário do acervo, as formas e fontes de aquisição apresentaram consideráveis lacunas e informações desconstruídas. A pesquisa nasceu dessa necessidade, e permitiu identificar as origens e formação dessas coleções, elencando e analisando procedimentos, processos e políticas institucionais, além de apontar caminhos para a construção da política de aquisição e descarte do Museu.

^[1] Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal Pelotas, em 2022 sob o título “Museus e colecionismo: Sentidos e processos no acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo”. A autora atua no MALG como museóloga desde 2014.

^[2] Leopoldo Gotuzzo (Pelotas, 1887 – Rio de Janeiro, 1983).

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa passou pelo levantamento de informações sobre a procedência das coleções particulares e as formas e processos de aquisição do Museu ao longo de sua história. Para tal, foi necessário reunir toda a documentação que o MALG possuía referente ao seu acervo, constituindo um material de análise que abrangia pelo menos sete décadas e duas instituições.

Consta no próprio Museu documentação relativa a períodos anteriores à fundação do MALG, como a Escola de Belas Artes e sua diretora, Marina de Moraes Pires, que abrange o período de 1949 a 1973. Outro conjunto de documentos, já produzidos no contexto da UFPel, diz respeito ao “Projeto Pinacoteca”, projeto de extensão que deu origem ao Museu e que posteriormente se transformou no Ateliê de Restauro do MALG, abrangendo o período de 1982 a 1992.

Do período de funcionamento do Museu, foi analisada a documentação produzida por ele, referente às aquisições e funcionamento de comissões e conselhos. Adicionalmente, foram incluídos documentos relativos às exposições realizadas e artistas do acervo, sendo uma parte considerável desse material, recortes de jornais locais e convites.

A pesquisa também incluiu levantamento de informações sobre os colecionadores, tendo em vista que quatro, das oito coleções atuais, tem sua origem em particulares. Para esses casos, foram utilizados trabalhos acadêmicos referentes às figuras pesquisadas, e, na ausência destes, recorreu-se à pesquisa em jornais e revistas da época. Esses foram fundamentais para os casos das coleções formadas na primeira metade do século XX.

A inconsistência ou mesmo ausência de registros de visitantes e estudos de público, não permitiu a inclusão da análise da relação do público com o acervo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os resultados da pesquisa, destacam-se as descobertas acerca da procedência do acervo, que, juntamente com as pesquisas anteriores permitiram elaborar uma trajetória institucional e, a partir disso, propor novos caminhos.

O levantamento da procedência revelou a necessidade de reordenamento das coleções, dado que foram identificadas obras que não se encaixam na atual configuração. Foi elaborada uma proposta de nova configuração, levando em conta os aspectos analisados pela pesquisa, especialmente: no âmbito da memória – a

manutenção das coleções particulares, e a herança colecionista dos museus (ALMEIDA, C. 2001); no âmbito artístico - a relevância da EBA e suas coleções para a criação do Museu e institucionalização das artes em Pelotas (MAGALHÃES, 2012), além das disputas entorno do academicismo (tradição) e os movimentos artísticos contemporâneos (mudança) (DINIZ, 1996); no âmbito universitário - foram destacadas a UFPel e a EBA como colecionadoras (ALMEIDA, A. 2001), instituições que escolheram as obras que lhes interessavam em dados momentos de suas histórias.

Revelou também as formas de aquisição e processos de seleção ao longo dos anos, até o início da atuação da Comissão de Acervo, em 2017. O levantamento de comissões, atas, cartas de doação e outros registros revelou que os processos de aquisição foi tomando forma ao longo dos anos, com maior ou menor apreciação por parte de grupos compostos unicamente por servidores ligados ao Centro de Artes da UFPel. As relações pessoais do meio artístico fazem parte das obras selecionadas para o acervo, o que é perceptível em alguns períodos da história do Museu. Ao longo das três décadas de existência do MALG, não foram identificados critérios estabelecidos para a seleção do acervo. Nesse ponto, a proposta se constituiu no sentido da diversificação da composição das instâncias com poder deliberativo e de tomada de decisões, bem como da transparência dos processos de aquisição.

A pesquisa também revelou a ausência ou baixa presença de artistas e de obras com temáticas que envolvam povos originários, negros, LGBTQIA+, ou mesmo problemas sociais crônicos como fome, desigualdade social, meio ambiente. Essas lacunas são colocadas como propostas para se pensar em critérios de interesse para novas aquisições, juntamente com o potencial de ampliação das coleções existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos da pesquisa era abordar a história do MALG em relação ao meio artístico e universitário local. Entende-se que as coleções permitiram essa relação direta. Através da pesquisa, traçou-se um quadro da formação das coleções que refletem aspectos no âmbito da memória, do contexto artístico local e do meio universitário. Em simbiose, esses elementos destacam as disputas do campo artístico, entre tradição e conservadorismo diante de um contexto de mudança no qual o Museu foi criado (em plena redemocratização), e que ainda se manifesta em seu acervo, repleto de lacunas em relação a agenda contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Práticas de Colecionamento. Política de Aquisição e Descarte. Museus de arte. Museus universitários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo? 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ALMEIDA, C. O “coleccionismo ilustrado” na gênese dos museus contemporâneos. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v.33, p.123-140, 2001.

DINIZ, C. R.B. Nos descaminhos do imaginário – a tradição acadêmica das artes plásticas de Pelotas. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

LACERDA, C. F. O ateliê de conservação e restauro da Universidade Federal de Pelotas e suas ações preservacionistas. 2015. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

MAGALHÃES, C.R. A Escola de Belas Artes de Pelotas (1949-1973): Trajetória institucional e papel na História da Arte. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SCHWONKE, R. Leopoldo Gotuzzo e a constituição do MALG (1887 – 1986). 2018. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2018.

Pátio da Ciência da UFG: resultados parciais sobre a divulgação das coleções nos museus universitários de C & T

Carlos Augusto Ribeiro Jotta (UFG) - carlos.jotta@ufg.br

INTRODUÇÃO

A crescente valorização do patrimônio cultural de ciência e tecnologia (C&T) em universidades está relacionada à urgência de sistematizar acervos, ampliar o acesso à informação e estreitar os vínculos entre ciência e sociedade. Nesse contexto, os museus universitários assumem papel estratégico como espaços de preservação da memória acadêmica e mediação cultural. O Pátio da Ciência da UFG, vinculado ao Instituto de Física, representa uma dessas iniciativas, atuando desde 2011 na divulgação científica, salvaguarda de acervos e promoção da educação não formal. Este trabalho, desenvolvido no âmbito do PIBIC/CNPq, busca propor estratégias para ampliar o acesso e a visibilidade das coleções museológicas do Instituto de Física, articulando museologia, patrimônio de C&T e ciência aberta.

Do ponto de vista teórico, o patrimônio de C&T é compreendido como um conjunto de bens materiais e imateriais que expressam a trajetória histórica das práticas científicas e seus modos de produção e difusão. A musealização desses objetos requer abordagem crítica e contextualizada (Gessner, 2001), especialmente em instituições como a UFG, cujos acervos científicos são parte essencial da memória institucional. A pesquisa fundamenta-se também nas contribuições de autores que defendem os museus universitários como espaços de formação, inclusão e diálogo com a sociedade (Ribeiro, Segantini e Granato, 2019; Mendonça Júnior, 2016). Nesse sentido, busca-se contribuir para a consolidação do Pátio da Ciência como um museu universitário ativo e replicável, comprometido com a valorização patrimonial e com uma ciência mais acessível e socialmente engajada.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com foco em métodos exploratórios e documentais. Inicialmente, foi realizada uma revisão teórica e levantamento do estado da arte, com base em literatura especializada nos campos da museologia, museus universitários e patrimônio cultural de ciência e tecnologia (C&T). Essa fase incluiu a produção de fichamentos temáticos e seminários internos para discussão

conceitual. Em seguida, foram pesquisadas fontes primárias em arquivos institucionais e repositórios digitais da UFG, priorizando documentos relacionados à trajetória do Instituto de Física e à formação de seus acervos científicos. A busca foi orientada por termos indexadores como “Instituto de Matemática e Física”, “Curso de Física” e “Laboratórios de Física”.

A terceira etapa envolveu pesquisa de campo com instalação in loco de uma base para levantamento e identificação dos objetos musealizados, registrando dados como tipologia, uso original, estado de conservação e contexto histórico. A próxima fase prevê a sistematização dos dados e a elaboração de estratégias de difusão digital, com destaque para a criação de uma base de dados voltada à futura integração em repositório institucional de acesso aberto, como o Tainacan. Estão em desenvolvimento também materiais visuais de apoio à comunicação museológica, uma proposta conceitual para nova expografia do espaço e ações de mediação cultural com foco na participação discente.

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÕES

A pesquisa identificou cerca de 70 objetos associados ao ensino e à experimentação científica no Instituto de Física da UFG, com ênfase em equipamentos utilizados entre as décadas de 1960 e 1990, incluindo itens da antiga União Soviética. Entre os destaques estão instrumentos ópticos, kits didáticos de eletromagnetismo e mecânica, além de modelos usados em feiras e ações de extensão. Também foram localizados 30 documentos institucionais que ajudam a reconstruir a trajetória do Instituto e do Pátio da Ciência, contribuindo para compreender o processo de institucionalização da cultura científica e da musealização universitária.

Como parte dos esforços de preservação e difusão, foi criada uma planilha de pré-catalogação com campos padronizados de descrição técnica, seguindo princípios de documentação museológica e já voltada para futura integração a repositórios digitais como o Tainacan. Paralelamente, está em desenvolvimento uma nova proposta curatorial para a exposição permanente do Pátio da Ciência, estruturada em três eixos: práticas pedagógicas da Física, história institucional e ações de museologia participativa. Essa proposta visa promover a extroversão dos acervos e fortalecer a inserção social do museu universitário, alinhando-se à ciência aberta.

Os resultados preliminares revelam que, embora o Pátio da Ciência já atue como espaço de extensão, carece de políticas permanentes de gestão museológica e de infraestrutura adequada. Apesar disso, o envolvimento da comunidade acadêmica tem fortalecido a valorização do acervo como patrimônio cultural e recurso educativo.

Os objetos, ainda que tecnologicamente superados, mantêm valor pedagógico e simbólico, contribuindo para o diálogo entre gerações e o estímulo ao interesse científico. A pesquisa indica que a articulação entre museologia universitária, patrimônio de C&T e ciência aberta oferece um caminho promissor para políticas públicas que favoreçam a preservação e o acesso ao conhecimento científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em andamento revela que, embora o espaço já desempenhe um papel relevante na divulgação científica e na mediação com a sociedade, ainda há lacunas no que diz respeito à documentação e à preservação do acervo e à formalização de seus processos museológicos.

Os dados parciais indicam que é possível avançar na valorização dos acervos de C&T por meio da adoção de estratégias de organização e valorização da coleção. A catalogação de objetos e documentos, a proposta de reestruturação expográfica e o planejamento de um repositório digital institucional são medidas que ampliam o acesso ao patrimônio acadêmico, tornando-o mais visível, acessível e útil para diferentes públicos, inclusive para fins educativos. A experiência da equipe de pesquisa também evidencia o valor formativo de envolver estudantes em processos de investigação e curadoria, fortalecendo a dimensão pedagógica da museologia universitária.

Outro ponto a ser destacado é que a pesquisa reforça a importância de compreender os museus universitários não apenas como espaços de conservação, mas como ambientes ativos de produção de conhecimento e de reflexão crítica sobre a própria história institucional das universidades. O Pátio da Ciência, nesse sentido, se configura como um laboratório vivo para o exercício da interdisciplinaridade, ao reunir saberes da física, da história, da museologia e da comunicação científica em torno de um projeto comum. Essa abordagem contribui para superar visões fragmentadas e tecnicistas da gestão patrimonial e favorece a construção de políticas culturais universitárias integradas e participativas.

Conclui-se, portanto, que investir na estruturação dos museus universitários é uma forma de fortalecer o compromisso das universidades públicas com a memória, a ciência e a cidadania. A pesquisa realizada no Pátio da Ciência propõe caminhos concretos e replicáveis para essa construção, ao mesmo tempo em que reafirma a relevância dos acervos de ciência e tecnologia como ferramentas para promover uma ciência mais aberta, inclusiva e socialmente engajada. Os próximos passos incluem a

continuidade da digitalização, a implementação de plataformas colaborativas de acesso aos acervos e o aprofundamento das ações de mediação cultural, com foco na participação dos diversos públicos que se relacionam com o museu e sua missão.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. Ciência Aberta em questão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CIÊNCIA ABERTA, 2014. Brasília: IBICT, 2015.

GESSNER, R. H. A. Musealização da ciência e da técnica: algumas reflexões. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 8, supl., p. 981-1001, 2001.

HEINZ, S.; MIRANDA, G. B. Epistemologias da ciência aberta e as múltiplas dimensões da democratização do conhecimento. Revista Brasileira de Ciência Aberta, v. 6, n. 1, 2024.

MENDONÇA JÚNIOR, A. Patrimônio Cultural Universitário. Dissertação (Mestrado) – UNIRIO, 2016.

RIBEIRO, E. S.; SEGANTINI, V. C.; GRANATO, M. Museus e patrimônio cultural universitário. In: ARAÚJO, B. M. et al. Museologia e suas interfaces críticas. Recife: UFPE, 2019.

UNESCO. Recomendação sobre Ciência Aberta. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Pátio da Ciência – Quem somos?. Disponível em: <https://patiodaciencia.ufg.br>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Instituto de Física – Histórico. Disponível em: <https://if.ufg.br>

Artefatos inventariados da Coleção Histórica do Museu de História Natural da Bahia (2015-2025)

Rejâne Maria Lira-da-Silva – Universidade Federal da Bahia, rejane@ufba.br
Abel D' Vargas Mescena – Universidade Federal da Bahia, abelmescena@outlook.com

INTRODUÇÃO

O Museu de História Natural da Bahia da Universidade Federal da Bahia (MHNBA/UFBA) foi criado como órgão complementar do Instituto de Biologia (IBIO/UFBA) o em 28/11/2003. É o primeiro e único Museu de História Natural da Bahia e um dos poucos do Nordeste. Como Museu, está em pleno processo museológico, exercendo diversas ações de conservação, pesquisa, ensino e divulgação dos valores praticados pela universidade para a sociedade. O processo museológico do MHNBA iniciou-se em 1943 com a doação da Coleção de Borboletas do Prof. Pedro Araújo, ainda na Faculdade de Filosofia da Bahia da Universidade da Bahia. Em 2013, o MHNBA/UFBA foi aprovado novamente em Congregação, integrando em uma estrutura funcional e administrativa as Coleções Botânicas e Zoológicas, com Regimento próprio, que está em revisão. o MHNBA/UFBA é um Museu Público Federal Universitário de Ciências, cadastrado no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) do Instituto Nacional do Patrimônio Artístico e Cultural (IPHAN), tem Coleções Biológicas valiosíssimas, que tem Curadorias e materialidade. Consta no Museusbr, sistema nacional de identificação de museus e plataforma para mapeamento colaborativo, gestão e compartilhamento de informações sobre os museus brasileiros e na Plataforma da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários – RBCMU (Lira-da-Silva, 2022). No acervo, abriga uma Coleção Histórica (CH/MHNBA/UFBA), criada em 18/12/2015, cuja origem remete ao antigo Gabinete de História Natural e a criação do Curso de História Natural na Faculdade de Filosofia (1942), que mais tarde deu origem ao curso de Ciências Biológicas, sediado no Instituto de Biologia (IBIO/UFBA) (Lira-da-Silva, 2022). Trata-se de um acervo diverso e complexo, em grande parte ainda por ser descoberto (Granato; Lourenço, 2010). Esses artefatos, ligados à história da Ciência e Tecnologia, são provas materiais da

passagem de professores e professoras que fizeram parte da história do IBIO/UFBA e, ao mesmo tempo, fontes de informação sobre as formas de produzir ciência e as técnicas empregadas (Santos; Granato, 2015). A organização desse acervo nas instituições museológicas atua, ainda, no sentido de salvaguardar objetos e materiais que, pela falta de conhecimento e informação, seriam descartados como lixo (Lourenço; Wilson, 2013). O objetivo desta pesquisa é alargar a discussão sobre o acervo organizado e catalogado da CH/MHNBA/UFBA, em meio a tensões e controvérsias nos últimos 10 anos (2015-2025), garantindo a produção da documentação museológica de seus artefatos, os quais, uma vez musealizados, tornam-se objetos-conceitos, com a mesma confiança e testemunho de fontes documentais (Lourenço; Gessner, 2012; Santos; Granato, 2015).

MATERIAIS E MÉTODOS

O processo de inventário e estudo dos artefatos tombados utilizou a metodologia proposta por Lourenço e Gessner (2012), que envolve estudar o objeto a partir de quatro quadrantes: análise intrínseca; aspectos gerais, função e relação com outros artefatos do acervo; relação do objeto com a história da ciência; e a trajetória do artefato. Esses quadrantes são analisados de forma interdependente, com base em duas dimensões denominadas dicotomias: classificatória, responsável por distinguir o objeto analisado dos demais artefatos, tornando-o singular; e temporal, relativo à história e as conexões que podem ser pensadas. O acervo está organizado segundo o seu Regimento das Reservas e Normas Gerais de Inventário da Coleção Histórica do Museu de História Natural da Bahia da Universidade Federal da Bahia, cujo sistema de classificação utilizado está baseado num critério disciplinar, dividido em 16 categorias: Arte, Astronomia, Comunicação, Desenho, Física, História Institucional, História Natural, Indústria, Técnica e Profissões, Matemática, Meteorologia e Geofísica, Metrologia (Pesos e Medidas), Mobiliário, Museografia, Painéis Didáticos, Química e Topografia e Geodesia. A CHMHNBA/UFBA possui três reservas, uma restrita e duas reservas visitáveis: Reserva Visitável (RP1) - Sala de Exposição do MHNBA/UFBA; Reserva na zona pública de circulação (RP2); Reserva Piso 3 (RP3), acessível a estudantes e pesquisadores. Nestes 10 anos, artefatos estão em 6 fases de organização : i) artefatos organizados em caixas e armários sem tombamento; ii) artefatos tombados no Livro de Tombo em uma planilha Excel® (n. de inventário, nome, data de ingresso, tipo de ingresso, descrição, histórico da peça, fotografia, estado de conservação e localização fixa de base; iii) artefatos tombados com Ficha de Inventário; iv) artefatos tombados com Ficha de Inventário e Resumo; v) artefatos tombados com Ficha de Inventário, Resumo e Artigo; vi) artefatos tombados com Ficha de Inventário, Resumo, Artigo, com Card de Divulgação no Instagram (@noapufba) na Exposição Janelas abertas para o Futuro, Memórias do Passado com 2 edições, 2020 e 2022.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2022, Lira-da-Silva contabilizou que a CH/MHNBA/UFBA era composta por cerca de 1.000 itens, dos quais 200 objetos foram à leilão, conforme Processos em Patrimônio inservível para sucateamento, através de Processos datados de 30/11/2020 e 20/07/2021, dos quais 32 eram objetos de Comunicação, 126 objetos de Física, 17 objetos Institucionais e 21 mobiliários. Atualmente há cerca de 800 artefatos, 68,12% (n=545) na fase (i) de organização. Duzentos e cinquenta e cinco (31,88%) está na fase (ii): 68 (26,67%) de Mobiliários (armários, mesas, bancadas, banquetas, estantes e cadeiras); 46 (18,04%) de Comunicação (DVD, epidiascópio, máquina de escrever, máquinas fotográficas, projetor de slides, retroprojetor, televisão e videocassete); 26 (10,16%) de Física (acústica, equipamentos ópticos, mecânica, eletromagnetismo); 11 (4,13%) de Química (vidrarias); 10 (3,92%) de Indústria, Técnica e Profissões (equipamentos industriais, ferramentas e utensílios profissionais, maquetes e acessórios); 8 (3,14%) de História Institucional (documentos, retratos, objetos sociais e pessoais, memorabilia); 4 (1,57%) de História Natural (geologia, botânica e zoologia); e 2 (0,78%) de Desenho (desenhos, instrumentos de desenho e maquetes). Dentre os artefatos acima referidos, 37 (14,51%) estão na fase (iii); 35 (13,73) na fase (iv); e 6 (2,35%) na fase (v). Este estado reflete a complexidade do processo de acesso às informações dos artefatos, com informações por vezes dispersas; equipe limitada para elaborar a documentação museológica e a necessidade de selecionar quais artefatos serão alvo de um estudo mais detalhado e quais não (Granato e Lourenço, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Coleção Histórica do MHNBA/UFBA possui um acervo rico de cerca de 30 Professores, desde a criação do Curso de História Natural em 1942, ou seja, 83 anos de história, mas especialmente a história de mulheres cientistas, pioneiras nas suas áreas de conhecimento dentro da Biologia, constituindo um Patrimônio Institucional da C&T. Garantir a salvaguarda desses objetos é um processo de disputa pela memória histórica, bem como de luta e resistência, uma vez que não há museus sem controvérsias (Lopes, 2018). O estudo apresentado nesse resumo evidencia, ainda, que adentrar o universo da cultura material não é uma atividade simples, pois a produção de informações a partir de objetos demanda um olhar atento e o uso de uma metodologia capaz de abarcar as múltiplas dimensões que inter cruzam os artefatos.

PALAVRAS-CHAVE

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo financiamento da Bolsa EXP-C, através do Projeto Os Bichos do Museu vão às Comunidades – Ciência Móvel e da Bolsa de Produtividade em Divulgação Científica.

Referências

GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta C. O Patrimônio Científico do Brasil e de Portugal: uma introdução. In: GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta C. (org.). Coleções científicas luso-brasileiras: patrimônio a ser descoberto. Rio de Janeiro: MAST, 2010

Lira-da-Silva, Rejâne Maria. A Coleção Histórica do Museu de História Natural da Bahia (MHNBA/UFBA): História, riscos, tensões e desafios. Caderno de Resumos Expandidos do V Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de C&T, Rio de Janeiro, p. 27-31. 2022.

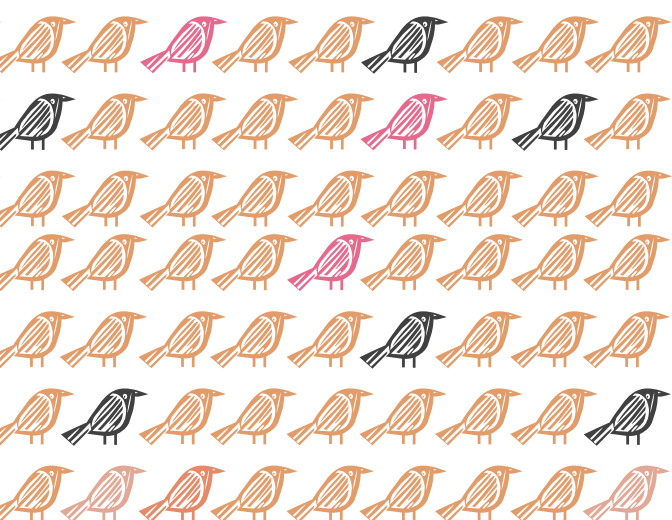
LOPES, Marcus Felipe de Brum. Há museus sem controvérsias? Coleções em disputa. Revista Musas, n. 8, p. 191-198, 2018

LOURENÇO, Marta Catarino; WILSON, Lydia. Scientific heritage: Reflections on its nature and new approaches to preservation, study and access. Studies in History and Philosophy of Science, Part A, v. 44, n. 4, p. 744-753, dez. 2013. Elsevier BV. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.shpsa.2013.07.011>. Acesso em: 10 abr. 2025.

LOURENÇO, Marta; GESSNER, Samuel. Documenting collections: Cornerstones for more history of science in museums. Sci & Educ, [s. l.], v. 23, n. 4, p. 727-745, 2012. Disponível

em: https://www.researchgate.net/publication/257662390_Documenting_Collections_Cornerstones_for_More_History_of_Science_in_Museums. Acesso em: 6 abr. 2025.

SANTOS, C.P; GRANATO, Marcus. A documentação dos acervos científicos e tecnológicos e o MAST: uma história a partir das memórias. In: GRANATO, Marcus (org.). Museologia e patrimônio. Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015, p. 142-177.



AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS E CRÉDITOS

Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
(Andifes)

Casa de José de Alencar (CJA/UFC)

Coleção Mineralógica/Departamento de Mineralogia - UFC

Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM Brasil)

Conselho Regional de Museologia - 1ª Região (COREM 1R)

Conselho Regional de Museologia - 3ª Região (COREM 3R)

Conselho Federal de Museologia (COFEM)

Departamento de Biologia - UFC

Divisão de Equidade, Diversidade e Inclusão (EDI/UFC)

Espaço Cultural Unifor

Faculdade de Direito da UFC (Fadir/UFC)

Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP)

Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC)

Governo Federal

Herbário Prisco Bezerra - UFC

Horto de Plantas Medicinais - UFC

Imprensa Universitária / Pró-Reitoria de Planejamento e Administração
(IU/PROPLAD)

Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Instituto Cultural Vale

Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet (MinC)

Memorial da Agronomia - UFC

Memorial da UFC

Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet (MinC)

Memorial da Agronomia - UFC

Memorial da UFC

Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Ministério da Cultura (MinC)

Ministério da Educação (MEC)

Museu da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia
da Universidade de São Paulo (USP)

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Museu de Arte da UFC (Mauc)

Museu de História Natural da Bahia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens da Universidade Regional do Cariri
(URCA)

Museu do Vale do Arinos da Universidade do Estado de Mato (UNEMAT)

Museu Itinerante de Paleontologia e Arqueologia - UFC

Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC Campinas)

Núcleo de Documentação e Laboratório de Pesquisa Histórica (NUDOC) da UFC

Núcleo Regional de Ofiologia da UFC (NUROF)

Oficina Digital / Instituto de Arquitetura, Urbanismo e Design (IAUD)

Petrobrás Cultural

Pró-Reitoria de Cultura da UFC (ProCult)

Rádio Universitária FM 107,9 (RUFM 107,9)

Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU)

Rede de Coleções & Museus da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Rede de Educadores de Museus do Brasil (REM/BR)

Restaurante Universitário / Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (RU/PRAE)

Seara da Ciência (UFC)

Secretaria de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social (SEDES/MCTI)

Secretaria de Comunicação da UFC (UFC Informa)

Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC)

Secretaria de Esportes da UFC

Secretaria de Comunicação da UFC (UFC Informa)

Superintendência de Infraestrutura (UFC Infra)

Tribunal de Contas da União (TCU)

TV Câmara de Jataí

TV Câmara de Fortaleza

Universidade Federal do Ceará (UFC)



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



APOIO



ORGANIZAÇÃO

